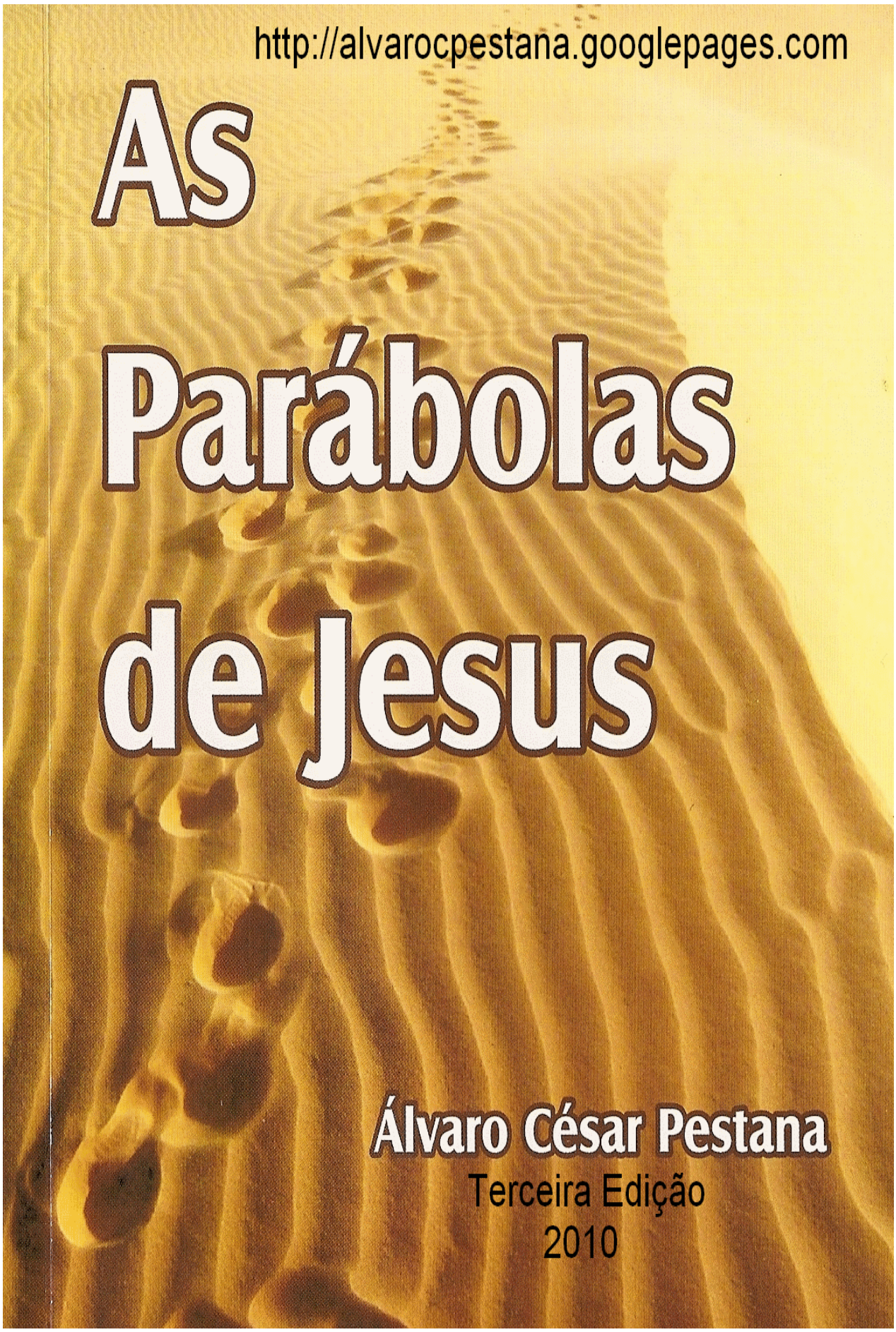


ISBN: 978-85-910184-2-0

(em branco)

Álvaro César Pestana
As Parábolas de Jesus
2010
ISBN: 978-85-910184-2-0

http://alvarocpestana.googlepages.com

As parábolas de Jesus

3ª edição
2010

Álvaro César Pestana

(C) 2010 Álvaro César Pestana
Todos os direitos reservados
Campo Grande, MS

ISBN: 978-85-910184-2-0

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pestana, Álvaro César (1959-)
As Parábolas de Jesus (3ª edição) / Álvaro César Pestana. – Campo Grande, MS: Editor Álvaro César Pestana, 2010
p. 75
Bibliografia anotada
ISBN: 978-85-910184-2-0

1. Bíblia. N.T.: Evangelhos – crítica e interpretação
2. Ensino de Jesus: parábolas
I. Pestana, Álvaro César, II. Título.

Índices para catálogo sistemático:
1. Evangelhos: crítica e interpretação.
2. Ensino de Jesus: parábolas.

ISBN: 978-85-910184-2-0

Texto bíblico citado de Almeida: Revista e Atualizada, segunda edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Este material pode ser usado e copiado (mecânica ou eletronicamente) desde que não seja para fins comerciais. A distribuição deverá ser gratuíta ou, no máximo, sob o custo da impressão. Se forem necessárias mais que 100 cópias, deverá haver uma permissão por escrito deverá ser obtida do autor. Abaixo deste número e nas condições acima, o material pode ser copiado e usado.

A integridade do texto e das idéias do autor deverão ser preservadas, de modo que qualquer 'edição' da presente obra, seja com acréscimos ou cortes de materiais, só poderá ser realizada com permissão por escrito do autor.

Este material está disponível em http://alvarocpestana.googlepages.com . Se houver interesse de disponibilizar o material em outro endereço eletrônico, o autor deverá ser contatado.

Para contatos com o autor ou pedidos de permissão de uso/divulgação:
alvarocpestana@gmail.com e (67) 3029-7960.

Copyright (C) 2010 de Álvaro César Pestana
Todos os direitos reservados
ISBN: 978-85-910184-2-0

ÍNDICE

Dedicatória 04

Apresentação 05

01 - A Parábola do Semeador 07

02 - A Parábola do Trigo e do Joio 10

03 - As Parábolas do Crescimento do Reino 12

04 - As Parábolas do Valor do Reino 16

05 - A Parábola do Rico Louco 19

06 - A Parábola do Grande Banquete 21

07 - A Parábola da Figueira Estéril 23

08 - A Parábola do Credor Incompassivo 24

09 - A Parábola dos Vinhateiros Maus 27

10 - A Parábola do Juiz Iníquo 29

11 - A Parábola do Servo Inútil 31

12 - A Parábola dos Filhos Perdidos 33

13 - A Parábola dos Talentos 36

14 - A Parábola do Publicano 39

15 - A Parábola das Dez Virgens 41

16 - A Parábola do Administrador Infiel 43

17 - A Parábola do Samaritano 45

18 - A Parábola das Dez Minas 46

19 - A Parábola do rico e Lázaro 52

Ensaio: As parábolas de Mateus e a evangelização 56

Notas sobre bibliografia 76

Sobre o autor 78

DEDICATÓRIA:
(2ª e 3ª edição)

Aos irmãos e companheiros de luta no evangelho,
Jorge e Paula Santana,
cujas vidas têm sido uma prova do poder do evangelho.

APRESENTAÇÃO

Segundo a UNESCO, pode-se chamar de livro a todo material impresso, não periódico, em formato característico, que exceda 49 páginas, sem levar em conta as capas. Assim sendo, este material caracteriza-se como livro. Contudo, como o leitor logo perceberá, ele é mais propriamente um guia de estudos através do qual uma pessoa pode conduzir um grupo no estudo das parábolas. Não se trata, portanto, de uma obra acabada, mas, como está na moda em nosso mundo pós-moderno, é uma obra aberta, passível de ser lida de várias formas com várias ênfases. Apesar disto, cremos que o poder do ensino de Jesus será suficiente para dar as diretrizes que ancoram a leitura, evitando a deriva conceitual.

Este guia de estudos foi preparado, originalmente, para estudos evangelísticos entre universitários. O alvo era fazer com que estes estudantes aprendessem o ensino de Jesus, através de discussões em grupo, usando os textos das parábolas como ponto de partida.

Posteriormente, o material foi adaptado para o ensino em classes de escola dominical. O material aqui organizado é subsídio para os professores em seu preparo para a aula dominical e não se trata de material para os alunos. Seu caráter esquemático e incompleto deixaria o principiante um pouco inseguro, enquanto que o professor, acostumado com o sistema de esboços, sentir-se-á em casa.

No ano de 1999, meu amigo, Randal Matheny publicou este estudo na forma de livro, que fez com que tivesse uma divulgação mais ampla. A segunda edição, publicada em 2007 pela Escola de Treinamento para o Serviço Cristão, SerCris, esgotou-se rapidamente. A terceira edição no formato de "ebook" (pdf) permitirá um uso mais amplo destes roteiros de estudo. Nesta terceira edição, fiz poucas alterações além das necessárias para a publicação eletrônica e também para cumprir as exigências do uso do ISBN.

Quase todas as lições têm três divisões principais: "questões para a classe", "informações úteis" e "observações". Algumas lições têm uma divisão chamada "lições principais".

- As "questões para a classe" são o modo de conduzir o estudo com perguntas aos alunos, depois da leitura do texto da parábola sob estudo.
- Nas "informações úteis" o professor terá subsídios para entender e dar a resposta correta para o que se questiona sobre o texto.
- Nas "observações" na parte final há outros recursos como: ilustrações, lições principais e aplicações da parábola. O professor poderá lançar mão deles quando for necessário.

Agradeço à minha esposa Linda, que sempre deixou o trabalho da odontologia em segundo plano para acompanhar-me nos estudos de evangelização. Lembro que, muitas vezes, nosso primeiro filho, Lucas, ainda bebê, dormia tranqüilamente nas carteiras das salas de aula da Universidade de São Paulo, enquanto estudávamos estas parábolas com os estudantes de lá. Acima de tudo, sou grato a Deus pela graça e dom de poder servi-lo e usar a

vida no afã mais importante do universo – a proclamação de Jesus, o Cristo. Muito obrigado!

As parábolas de Jesus são fascinantes pela capacidade que têm de nos provocar e nos motivar para seguir Jesus. Esperamos que o uso deste livro ajude muitos a serem como o escriba cristão de que fala Mateus 13.51-52 – que aprendamos a tirar do tesouro das parábolas, lições novas e velhas – coisas que Jesus tem legado aos seus discípulos.

Álvaro César Pestana
Campo Grande, MS, 2010

Lição 1 - A Parábola do Semeador
Mc 4.1-23

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz: (1-9)

1. Quem está ensinando? Onde? A quem?
2. O que é uma parábola? Quais as vantagens de seu uso?
3. Quem pode contar a história de 1-9 sem interpretar?
4. Qual o processo de semeadura sugerido?
5. Quantos e quais são os tipos de solo? Descreva cada um deles.
6. Qual o sentido das expressões numéricas no v. 8?
7. Classifique os solos quanto a:
   germinação das sementes
   velocidade de crescimento
   dar fruto

B. O que o texto significa: (10-23)

1. Explique os vs. 10-13.
2. O que é a semente? O que é a semeadura? O que são os solos?
3. Que tipo de pessoa é cada um dos tipos de solo abaixo (dê exemplos):
   beira do caminho
   rochoso
   espinhoso
   boa terra
4. A perseguição necessariamente irá destruir a nossa fé? Explique.
5. Como o v. 9 nos adverte?
6. Qual a idéia de solos com diferentes produtividades do v. 20?

C. O que o texto significa para mim: (1-23)

1. Que tipo de solo é você?
2. Você procura ter a maior produtividade possível para Cristo?
3. Como podemos ser um ou outro tipo de solo?
4. Como podemos encarar a humanidade do ponto de vista desta parábola?

II. Informações úteis:

A. **Parábola**: No grego PARABOLE, mas na linguagem original de Jesus seria usado o termo aramaico MATHLA que é similar ao hebraico MASHAL. Um erro comum é definir parábolas como sendo comparações, usando a etimologia do termo grego PARABOLE (que significa literalmente "jogar (colocar) ao lado de"), fazendo com que parábolas sejam "uma verdade física sendo colocada ao lado de uma verdade espiritual". Na verdade, esta definição explica algumas parábolas, mas não todas. O termo original que Jesus deve ter usado (MATHLA ou MASHAL) pode significar metáfora, provérbio, enigma, comparação, narrativa simbólica, alegoria, etc. Assim, as parábolas são um tipo de discurso narrativo caracterizado pelo uso de narrativas, símiles, metáforas, comparações, enigmas, provérbios, poesia, etc. São uma das "marcas registradas"do ensino de Jesus.

B. **Semeadura**: Na Palestina, na época de Jesus, a semente era lançada no solo antes de arar a terra. O semeador saia pelo campo com uma "bolsa" de sementes e as espalhava pelo campo.
C. **Beira do caminho**: faixa de terra batida, dura pelo fato de ter sido utilizada como caminho para pedestres.
D. **Solo rochoso**: solo que superficialmente parece normal, mas que só tem uma pequena capa de terra. As plantas crescem mais rápido nele por sua maior temperatura e por que a planta, não podendo crescer para baixo, cresce para cima.
E. **Solo com espinhos**: ou o solo foi limpo superficialmente e as sementes e raízes de espinhos estão sob o solo, ou os espinhos estavam presentes já na semeadura, antes do arado ser passado.
F. **Solo bom**: terra macia, profunda e limpa. O solo ideal para o plantio. A maior parte do campo é terra boa.
G. **Trinta, sessenta e cem por um**: Resultados excepcionais de colheita. Cinqüenta por um já seria um grande resultado (veja Gn 26.16).

III. Observações:

A. Os quatro tipos de ouvinte:

1. O ouvinte fechado: preconceito, desconfiança, orgulho, teimosia, conformismo, conforto, demora em receber a palavra. O diabo ronda a casa dos indecisos. É o cego que não quer ver.
2. O ouvinte raso: flutuando nas modas, muito entusiasmo com pouca disciplina, emocionalismos, não calcula o custo, não raciocina. O sol (perseguição) que é bom para as plantas (cristão), mata esta planta por que não tem raiz. Seu fervor é como o famoso "fogo de palha".
3. O ouvinte sujo: vida cheia de coisas, materialismo, concorrência com as coisas de Deus, preocupação.
4. O ouvinte frutífero: aberto, profundo e limpo. Mente aberta. Disposto a estudar, aprender e mudar. Rápido em absorver. Traduz em ação.

B. A pregação irá dar grandes resultados.

A lição principal da parábola está no contraste entre o fracasso da semeadura e o sucesso na colheita. É assim que ocorreu no ministério de Jesus: ele foi um aparente fracasso durante seu transcurso, mas foi vitorioso no final. Assim também ocorre com a igreja que vive entre a primeira e a segunda vindas do Nosso Senhor Jesus Cristo: hoje tudo parece fracassado, mas ao final, a colheita e a vitória serão maiores do que imaginávamos.

C. O diabo existe e está ativo.

Embora esteja na moda dizer que o Diabo não existe ou que atua em todo tipo de situação, isto não é o que Jesus ensinou. O Diabo atua, retirando a influência do ensino de Jesus em quem permite sua atuação por causa de sua teimosia. Contudo, ele não atua, descaradamente, em todos os solos, afinal, os próprios homens são responsáveis por deixar o caminho de Cristo, seja por dificuldades ou por paixões.

D. Podemos escolher que tipo de solo vamos ser.

Não há qualquer predeterminação ou destino em ser um ou outro tipo de pessoa. Tudo vai da decisão pessoal com relação a Jesus Cristo. Cada um

decide por si mesmo que tipo de pessoa será. Tal decisão é tomada pelas próprias reações da pessoa à palavra pregada por Jesus.

Lição 2 - A Parábola do Trigo e do Joio
Mt 13.24-30, 36-43

I. Questões para a classe:

A. O que diz o texto:

1. Quem está falando? Para quem? Quando?
2. O que está sendo comparado na parábola?
3. O que diz o relato? (contar a história em poucas palavras)
4. De quem é o campo?
5. Quais os cuidados que toma este agricultor?
6. Qual o personagem negativo desta história? Como ele atua? Por que atua desta forma?
7. Como se semeava o trigo? E o joio?
8. O que é o joio?
9. Qual a dúvida dos empregados? Quando ela surgiu? Por que só nesta época?
10. Como o dono sabe do inimigo?
11. Será que a proposta do v. 29 é certa? Justifique.
12. Será que a tática do v. 30 não iria prejudicar o trigo? Será que a idéia do v. 28 não é melhor?

B. O que o texto significa: (36-43)

1. Quem recebe a explicação? Onde? Qual o motivo?
2. Quais são os itens relevantes na explicação da parábola? (37-39)
3. Qual é a lição central da parábola? (40)
4. O que é celeiro? O que é fornalha acesa? (42-43)
5. A parábola ensina que alguns homens são predestinados ao inferno ou vão ao inferno por causa de suas más ações? (veja v. 41)

C. O que o texto significa para mim: (Aplicação)

1. Quantos tipos de pessoas existem no mundo?
2. Quantos destinos finais para a humanidade?
3. Por que Deus não destrói todos os homens maus do mundo hoje?

II. Informações Úteis

A. O joio é muito semelhante ao trigo em tenra idade. Mais tarde eles são completamente diferentes. O trigo amadurece e fica amarelo e alto, o joio fica cinza escuro e mais baixo que o trigo. O joio amadurece primeiro.

B. O joio e sua farinha geram náuseas, vômito, efeito narcotizante e gosto amargo no pão. Por isso ele tem que ser separado do trigo.

C. Semear má semente no campo de outra pessoa era algo comum. A lei romana proibia e punia tal infração. Ainda hoje, na Índia, uma série ameaça é afirmar que semeará má semente no campo do oponente.

D. Arrancar o joio antes da época da ceifa gera problemas:

1. não dá par distinguir bem o joio do trigo.
2. as raízes estão entrelaçadas e portanto ao arrancar um, levaremos o outro.

E. O joio ("*Lolium Temulentum*") amadurece primeiro.

F. Não se deve pensar que o Reino é comparável somente ao homem que semeia. A idéia é que toda a história da parábola compara-se com o Reino.

G. O fato de o inimigo atuar enquanto os homens dormiam não desqualifica aos semeadores. Era noite ou o horário de descanso. O inimigo é que aproveita para fazer o mal em qualquer momento oportuno.

H. A interpretação da parábola é dada em dois grandes blocos:

1. Nos vs. 37-39 o sentido das partes distintas da parábola
2. Nos vs. 40-43 o significado espiritual e principal da parábola.

I. A parábola descreve o mundo e não a igreja. A menção do reino em verso 41 tem sido entendido como se todo o texto falasse de um julgamento interno da igreja: uma separação dos cristãos autênticos e dos falsos. O fato é que a parábola fala do reino no mundo e, portanto, o juízo nela descrito é amplo e inclui aos descrentes e aos cristãos igualmente.

III. Observações:

A. No ministério de Jesus esta parábola servia de explicação para a demora do juízo, prometido com insistência por João Batista (Mt 3.1-12).

1. A expectativa de uma imediata destruição dos maus (na mente deles sempre "dos outros"), e de uma evidente comunidade de puros e "separados", era uma anelo geral amplamente divulgado. Os Essênios resolveram viver separados dos perversos em comunidades "monásticas". Os Fariseus procuravam não ter contato com "o povo comum", pois se julgavam melhores que aqueles. Já os Zelotes gostariam de "cortar o mal pela raiz", agora mesmo, não obstante que isto significasse cortar alguns pescoços!
2. Ao contrário destas expectativas populares, Jesus revela que o Reino de Deus opera com base em diferentes princípios: Deus tolera os maus em benefício dos "bons". Até um Judas foi mantido no meio dos discípulos de Jesus, apesar de sua perversidade. Publicanos e pecadores andavam com Jesus. Enquanto todos gritavam "Juízo Já!", Jesus esperava o dia final, onde este seria realizado mais eficientemente. Esta parábola responde a questão da grande mistura de bons e maus no ministério de Jesus.

B. A igreja de Mateus, que recebeu este evangelho, podia entendê-lo com respeito ao seu próprio trabalho e até mesmo com respeito aos que se dizem participantes do reino de Deus. É Deus quem vai tirar os bons dentre os maus. Não é para que nós julgarmos antes da hora. O ensino sobre os dois caminhos, tão acalentado por este evangelho, aparece de novo aqui.

C. Lições da Parábola:

1. Existem somente dois tipos de pessoa no mundo: salvos e perdidos.
2. Existem somente dois destinos para o homem: céu e inferno.
3. Os bons e os maus só serão separados na consumação dos séculos (por amor aos bons).
4. É difícil para o juízo atual separar os que serão salvos dos que serão perdidos. No juízo final tudo ficará evidente. Isto decorre da possibilidade de conversão de muitos e do desvio de outros.
5. Deus não é o responsável pelo mal do mundo.
6. Podemos escolher nosso destino final. Podemos aceitar ser filhos do reino ou podemos rejeitar a vontade de Jesus e nos tornarmos filhos do maligno.

Lição 3 - As Parábolas do Crescimento do Reino
Mt 13.31-33; Mc 4.24-29

Estas duas parábolas formam uma dupla, embora o evangelho de Marcos contenha apenas a parábola do grão de mostarda. As duas ensinam a mesma lição e uma deve ser usada para interpretar a outra. Há entre elas o famoso paralelismo que se encontra na literatura poética hebraica.

A PARÁBOLA DO GRÃO DE MOSTARDA

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz? (31-32)

1. Qual a situação proposta por Jesus para explicar um novo aspecto do Reino? (31-32)
2. Qual o tamanho de um grão de mostarda?
3. Pela expressão do v. 32, qual o tamanho que esta planta atinge?
4. Com que plantas ela é comparada? Por quê?

B. O que o texto significa?

1. Qual a idéia mais básica que o texto parece sugerir sobre o Reino de Deus?
2. Como os judeus nacionalistas e materialistas do tempo de Jesus esperavam que o Reino começasse? Como essa parábola os contradiz?
3. Como, historicamente, no livro de Atos esta parábola se mostra verdadeira?

C. O que o texto significa para mim?

1. Será que ficamos desanimados com o "pequeno" tamanho do Reino em nosso país?
2. Qual a promessa que este texto tem para igreja fiel a Cristo?

II. Informações Úteis:

A. **Mostarda**: provavelmente a planta "*Sinapis nigra*", cuja semente se encaixa com a descrição; é usada para fins alimentícios; chega a ter dois metros, em média; pássaros como pintarroxos e tentilhões gostam de aninhar-se nela para comer as suas sementes.

B. **Grão de Mostarda**: embora não seja tecnicamente a menor semente do mundo, era para o mundo da Palestina a menor semente cultivada. Também no ambiente judaico, o grão de mostarda era tido como proverbialmente pequeno, assim como nós temos as expressões: "pequeno como uma pulga" ou "pequeno como a cabeça de um alfinete". Veja este uso em Mt 17.20 e Lc 17.6.

C. **Hortaliças**: legumes (Rm 14.2). A mostarda na Palestina era classificada entre as plantas da horta, não obstante chegar a ter o tamanho de arbusto (árvore). Por seu tamanho seria o "monstro da horta".

D. **Aves do céu aninhadas nos seus ramos**: simples frase para descrever o tamanho desta planta. Também pode ser uma alusão linguagem do VELHO TESTAMENTO para reinos - Ez 17.23; 31.6; Dn 4.20-22. Isto é sugestivo já que Jesus falava do seu Reino.

E. **Campo**: terreno cultivado (genérico).

III. Observações:

A. No ministério de Jesus esta parábola é uma parábola de contraste por excelência. Ela não está tanto descrevendo um processo gradual como Marcos 4.26-29, mas contrastando o início e o fim. O estágio inicial do reino e sua consumação. O reino no ministério de Jesus e o reino porvir. A insignificância aparente do ministério de Jesus e a completa e abrangente realização de seus esforços.
B. A ligação orgânica entre o que Jesus fazia e o reino glorioso tinha seu paralelo na ligação entre a semente e a "árvore" resultante. Os judeus não compreendiam como o ministério de Jesus iria trazer o reino de Deus. Eles esperavam algo mais imediato e glorioso como uma explosão ou uma revolução. Eles queriam que Jesus trouxesse a grandeza do reino de Davi de volta, imediatamente e estrondosamente. Mas nada disto tinha acontecido. Tudo que Jesus tinha era "um grão de mostarda", um pouco de quase nada.
C. Jesus está apelando para a fé dos ouvintes. É necessário confiar em Jesus e aceitar que os pequenos começos terão grandes resultados pela bênção de Deus. Era necessário crer na significação escatológica do ministério de Jesus, ou seja, que seu trabalho terrestre traria frutos eternos e gloriosos no futuro.
D. A igreja de Mateus aprendeu a confiar em Deus, e ver que a grandeza do reino está na sua fraqueza, em certo sentido, aquela igreja podia ver como o grão de mostarda que Jesus plantou já parecia com uma "árvore". Por outro lado, a igreja mateana ainda era como um grão de mostarda. Aquilo que Deus vai fazer sempre é muito em relação ao presente.
E. Como na parábola de Mc 4.20-29, o crescimento do Reino é gradativo.
F. O reino começa pequeno, mas ao fim, todos os povos poderão encontrar abrigo nele.
G. Não devemos desprezar pequenos começos, quando se referem obra de Deus (Zc 4.10).
H. Existem pessoas que alegorizam os pássaros da parábola fazendo-os significar o mal ou o inimigo (Mt 13.4). Tal observação não cabe no contexto já que a menção das aves é referência ao tamanho da planta e alusão ao VT. Não se deve confundir o contexto de uma parábola com outra e muito menos com outros textos da Bíblia.

A PARÁBOLA DO FERMENTO

I. Questões para a classe:

A. O que diz o texto? (33)

1. Qual é a comparação neste versículo?
2. Como funciona o fermento? Como ele atua na fabricação do pão?
3. Quem está em maioria, o fermento ou a farinha? Quem vence? Por quê?
4. A quanto equivale 3 medidas de farinha?
5. Qual o resultado final deste processo?
6. Onde está o poder: no fermento ou na farinha?

B. O que o texto significa?

1. Qual a idéia mais básica que este texto sugere sobre o Reino de Deus?
2. Quais as semelhanças de significado desta parábola com a anterior? E as diferenças?

3. Qual é a natureza da igreja (reino) em relação ao mundo, conforme esta parábola?

C. O que o texto significa para mim?

1. Quem tem o poder de transformar o mundo ou a igreja?
2. Onde os cristãos tem que esta para poder transformar o mundo?
3. O que é mais importante para alcançar o mundo: quantidade sem poder ou qualidade mesmo que inicialmente com poucos?

II. Informações Úteis:

A. **Fermento**: é bom conhecer o processo palestino de fabricação de pão: o pão era geralmente feito em casa, pela mulher. O fermento constituía-se de um pequeno tufo de massa de pão retirada do pão antes do mesmo ser colocado no "forno" ou sob ação do calor. Este tufo (pedaço) era guardado para o dia seguinte, sob fermentação não interrompida. Este era o fermento. Ficava ácido e podia ser dissolvido em água e reunido farinha ou adicionado diretamente massa de farinha e água. Outro fermento possível de ser usado era a borra de fermentação da uva (pouco provável).

B. **Três medidas**: uma medida é igual a 7,3 litros, portanto 3 medidas é quase 22 litros, ou 25 kg de farinha. Era uma boa quantidade de farinha. (Gn 18.6) (Um efa pode ser 3 medidas - Jz 6.19; 1Sm 1.24)

C. **Mulher**: As mulheres faziam o pão em casa. Pode ser que Jesus lembrava de sua mãe, Maria, fazendo pão para sua família que tinha no mínimo 9 pessoas [José, Maria, Jesus, Tiago, José, Judas, Simão e pelo menos mais duas irmãs].

D. **Tudo levedado**: tudo fermentado. O resultado é que toda a massa fica mais parecida com o elemento que a transformou – fica toda ela levedada ou fermentada.

E. **Escondeu**: misturou.

III. Observações:

A. Lições sobre a atuação do fermento (aplicáveis a nós):

1. O fermento atua transformando.
2. O fermento atua ficando em contato com o trigo.
3. O fermento atua desaparecendo no produto final.
4. O fermento atua em minoria.
5. O fermento atua invisivelmente com resultados visíveis.
6. O fermento atua produzindo mais fermento.

B. Lição principal:

1. O Reino começa pequeno e influencia grande extensão.
2. O reino tem o poder que influencia e transforma o mundo no Reino.

C. O Cristianismo mudou completamente o mundo em muitos aspectos. Esta é a idéia que é mais fácil ver nesta parábola. Pense nas mudanças:

1. Na posição da mulher, dos enfermos, dos velhos, das crianças etc.
2. Na ciência e no saber.
3. Na vida humana depois de Cristo.

D. Uma interpretação falsa desta parábola: Vê na mulher uma inimiga de Deus (Zc 5.7,8; Ap 2.20; Ap 17.1) e vê no fermento uma coisa má. Resposta:

1. A mulher não é necessariamente um elemento negativo (Veja Lc 15.8-10). Tal leitura é um tanto preconceituosa.

2. O fermento é geralmente o que designa um mal, mas será que o único uso figurado deste objeto é negativo? Veja que o leão é uma figura para o diabo (1 Pe 5.8) e para Cristo (Ap 5.5).
3. O paralelo com a parábola anterior sugere mais o crescimento do Reino do que a "contaminação" do Reino.

Lição 4 - As Parábolas do Valor do Reino
Mt 13.44-46

Estas parábolas também devem ser estudadas em dupla. O sentido geral das duas é o mesmo e um exagero nas diferenças dos detalhes de cada uma delas pode ser artificial, se não ressaltarmos que a lição básica é a mesma. Elas foram proferidas apenas para discípulos.

A PARÁBOLA DO TESOURO

I. Questões para a classe:

A. O que diz o texto (Mt 13.44):

1. Qual é a ilustração utilizada para ensinar como é o Reino de Deus?
2. O que o tesouro está fazendo no campo?
3. O que o homem fez para encontrá-lo?
4. O que ele fez após achá-lo? Por quê? Está agindo dentro da lei?
5. Compare o preço do campo com o preço do tesouro.
6. Qual a reação do comprador?

B. O que o texto significa:

1. O que custa tanto quanto este campo? (Veja Lc 14.26-27, 33; Mt 16.24-25 e Mt 19.29)
2. O que seria o tesouro?

II. Informações Úteis:

A. **Bancos**: Na Antigüidade, embora existissem bancos, não serviam ao povo comum. Cada um cuidava de seus bens. Enterrar era um dos modos mais seguros de proteção (veja Mt 25.18,25,27).

B. **Enterrar tesouro**: Em um baú ou em um vaso. Moedas de prata ou pedras preciosas. As constantes guerras, revoluções e instabilidades faziam com que os donos morressem ou fugissem e muitas vezes tornavam-se impossibilitados de reclamar o tesouro. Tesouros escondidos e seus respectivos caçadores são comuns no Oriente até hoje. Às vezes, o dono morria sem dizer onde ocultou o tesouro.

C. **Campo**: Terra cultivada. O homem talvez estivesse arando o campo alheio.

D. Legalidade da Transação: A transação foi legal. O direito judaico dava ao dono das terras os tesouros que nele estivessem, desde que não reclamados por alguém. Além disso, quem achava era possuidor de direito. Mas mesmo que nos pareça pouco justo, lembre-se: nas parábolas Jesus não está ensinando como os homens devem se comportar, mas descrevendo como eles, de fato, se comportam. Este comportamento é que fornece lições sobre o Reino. Há muitos casos em que os protagonistas de uma parábola agem desonestamente ou de modo não espiritual.

E. **Escondeu**: Tomou as providências para não perdê-lo.

III. Observações:

A. Compare os Preços:

Tudo que o homem tem = CAMPO < PREÇO DO TESOURO
(veio de graça)

Tudo que somos e temos = VIDA CRISTÃ < PREÇO DA SALVAÇÃO
(vem pela graça)

B. O resultado de entrar no Reino é alegria (At 8.8,39; 13.48,52; 16.34). Quem busca, encontra. Quem encontra e valoriza, tem muita alegria por causa da salvação que vem no evangelho.
C. Ter a salvação ou entrar no Reino são como o tesouro com valor inestimável. Precisamos ter os valores certos e aprender a dar valor para aquilo que realmente tem valor (Fp 3.7-8).
D. Comparar o campo com a vida cristã ou com a disciplina espiritual em que vivemos é interessante mas não completamente exegético. Afinal, o elemento intermediário ao tesouro que encontramos nesta parábola (o campo) não existe na parábola da pérola onde a mesma é diretamente adquirida, com a intermediação de um objeto. As duas parábolas são paralelas. A comparação do campo fica numa aplicação secundária, mas sem dúvida, instrutiva.

A PARÁBOLA DA PÉROLA

I. Questões para a classe:

A. O que diz o texto (Mt 13.45-46):

1. Qual é a ilustração neste caso?
2. Qual a profissão deste homem? Como isto se diferencia da parábola anterior?
3. Porque ele toma a decisão de concentrar todo seu capital e vida nesta parábola? Ele perdeu com o negócio?

B. O que o texto significa:

1. O que custa tanto quanto esta pérola? (Veja Lc 14.26-27, 33; Mt 16.24-25 e Mt 19.29)
2. O que é a pérola?

II. Informações Úteis:

A. **Pérolas**: Havia, na Antigüidade e na Palestina, uma grande valorização comercial e afetiva para as pérolas.
B. **Um que negocia**: Este homem é um especialista em seu assunto. E só trabalha com artigos de primeira qualidade (boas pérolas). Ele vendeu tudo e ainda fez um excelente negócio. Devia ser um homem rico e de grande capital, talvez até com uma coleção pessoal de pérolas, loja, estoque etc.

III. Observações:

A. Muitos podem ter visto aquela pérola que estava a venda, mas perderam o negócio por não saber reconhecer o seu valor.
B. Os sacrifícios são altos demais já que a grandeza do Reino sobrepuja o preço exigido.

SIGNIFICADO E SENTIDO BÁSICO DAS DUAS PARÁBOLAS

1. No ministério de Jesus esta parábola ensinou aos discípulos que o que eles estavam fazendo valia a pena. Deixar tudo por Jesus e pelo reino era a melhor opção, o melhor negócio. O preço pago, aparentemente alto, era nada em comparação com o prêmio alcançado (Lucas 14.26-27,33; Mateus 16.24-25; 19.29). Os discípulos precisavam aprender o valor do que tinham em mãos, embora outros não valorizem. O sacrifício e o risco valem a pena.
2. A igreja de Mateus poderia entender muito melhor esta parábola, depois da cruz. A graça de Deus fica ilustrada, tornando evidente que ser discípulo de Jesus é lucro.

APLICAÇÃO DAS DUAS PARÁBOLAS

1. Qual o significado da lição para nós?
2. Como podemos "vender tudo" o que temos? É literal essa exigência ou diz respeito a uma condição espiritual?
3. Se o Reino tem tanto valor será que estamos dispostos a fazer qualquer sacrifício por ele?
4. Por que algumas pessoas não querem o Reino hoje?

PARALELOS E CONTRASTES

Tesouro	**Pérola**
Encontrada por acaso	Encontrada em uma procura
Homem ocupado com o trabalho	Homem buscando aquele objeto
Improviso	Plano
O gozo da surpresa	O gozo da realização suprema
Tesouro: útil e prático	Pérola: formosa e afetiva
Oculto	Visível a todos
Homem comum	Homem especialista
Comprou o campo e ganhou o tesouro	Comprou a pérola e ganhou enorme lucro
Custa tudo	Custa tudo

Lição 5 - A Parábola do Rico-Louco
Lc 12.13-21

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz? (vs 16-20)

1. Qual o teor geral da parábola contada por Jesus?
2. Como é descrito o homem que recebe esta colheita abundante?
3. Qual o seu plano para lidar com esta fortuna? Quais outras possíveis alternativas?
4. Com quem ele conversa? Com quem compartilha idéias e pensamentos? Isto seria comum numa sociedade oriental gregária e comunitária?
5. Por que o homem rico escolheu a alternativa de acumular aquela grande colheita?
6. Qual o problema principal da vida deste homem?

B. O que o texto significa? (vs 19-21)

1. Que situação motivou esta parábola? (vs 13-15)
2. O que há de errado no pedido do v. 13?
3. Qual o problema mais sério de que a injustiça sócio-econômica, de acordo com o v. 15?
4. Como os versos 15 e 21 explicam a parábola?

C. O que significa para mim?

1. Qual é a coisa mais importante que temos? (Mc 6.30-37)
2. Será que estamos acumulando coisas no mundo ao invés de no céu? Como evitar isto? (Lc 12.31-34)
3. A avareza e o egoísmo andam juntos: Como podemos deixar de sê-lo?
4. Pergunte aos não cristãos: "O que é mais importante do que a sua alma?"
5. Pergunte aos cristãos: "O que é mais importante do que levar uma alma eternidade?"

II. Informações Úteis:

A. **Dividir a herança**: Era comum pedir aos rabis (mestres) e escribas que opinassem em assuntos legais. Parte da função deles era a do moderno advogado. O ideal bíblico era que os irmãos não dividissem a herança (Salmo 133), mas que desfrutassem dela em conjunto. Havia, contudo, leis sobre a partilha no Velho Testamento (Deuteronômio 21.15-17). Neste caso o homem não queria que Jesus julgasse o caso, mas que tomasse o seu partido. O homem quer usar Jesus.

B. **Homem**: não é a expressão cordial, mas de distanciamento.

C. Jesus recusou, no verso 14, ser o juiz entre os homens, mas, no verso 15, assumiu o lugar de juiz sobre os homens. Jesus achou mais grave o caso de avareza do que o caso de posse de terra (tão discutido hoje em dia!). Jesus vê as atitudes.

D. O homem da parábola já era **rico**. Não precisava daquela abundância e não se esforçou por ela. Recebeu tudo de Deus, mas era tão egoísta que 5 vezes usou o pronome meu, minha etc. para descrever o que tinha.

E. **Não ter onde guardar o fruto**: "Poderia guardá-lo na boca dos pobres!" "O cereal deve ser guardado em lugar seco, portanto, alto para não estragar. O melhor lugar é o céu."
F. **Alma**: O homem queria que sua alma (espiritual) se deleitasse com alimento (material). Era um tolo!
G. Tradução de v. 19: "e direi à minha alma: Alma! Tens muitos bens ajuntados para muitos anos. Descansa, come, bebe e diverte-te".
H. **Louco**: Insensato. "Aos olhos do mundo um homem precavido, sábio e bem sucedido. Aos olhos de Deus, um debilóide".
I. **Esta noite**: que já está começando.
J. **Pedirão contas**: a idéia é que a alma é um empréstimo e Deus vai pedir contas do que fizemos com ela neste mundo.

III. Observações:

A. A ordem dos verbos na parábola: RECEBER + GUARDAR = PERDER.
B. A ordem dos vermos em nossa vida: RECEBER + AGRADECER + DAR = GUARDAR NO CÉU.
C. Neste texto Jesus mostrou que não era um político deste mundo (Jo 18.36). não veio para resolver a questão social de posse da terra. Jesus veio para tirar a cobiça do mundo, para salvar a nossa alma de nós mesmos.
D. "A alma não tem bolsos" (provérbio espanhol).
E. "O dinheiro é como água do mar: quanto mais se toma, mais sede se tem" (provérbio romano).
F. Precisamos do Banco: Rm 6.7-10 e Mt 6.33 – O banco que temos que usar é aquele que valoriza, antes de tudo, a vontade de Deus em nossas vidas e nas vidas dos outros.
G. O destino do homem (rico) e incauto: Jr 17.11; Jó 27.8; Sl 9.17-20; Sl 52.5-7; 39.6 – sempre é destruição e desgraça.
H. Aproveitar é o grito dos ateus. 1Co 15.32. Os romanos diziam *Carpe diem* , mas os cristãos estão aproveitando as oportunidades para viver de modo agradável a Deus (Ef 5.16).
I. O amanhã: Pv 27.1 e Tg 4.13-16 – só Deus controla o futuro.
J. Rico para Deus: 1Tm 6.17-19; Tg 2.5; Mt 6.19-21 – só o que doamos será nosso para sempre. O que guardamos para nós, perderemos.
K. Morte e juízo: Hb 9.27 – a morte é o preâmbulo do julgamento: devemos sempre estar prontos para ela e para o que vem associado a ela.
L. A coisa mais importante para fazer neste mundo é salvar nossa alma e salvar as almas dos outros. ALMA é a coisa mais valiosa sob a face da terra. Foi por ela que Deus se sacrificou. Valorize a ALMA.

Lição 6 - A Parábola do Grande Banquete
Lc 14.15-24

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz? (vs 16-24)

1. Qual é o teor geral da parábola?
2. Qual o cuidado que tem o anfitrião do banquete com os convidados? (Veja vs 16-17)
3. Quais as desculpas apresentadas? São desculpas verdadeiras ou desculpas "esfarrapadas"? Por quê?
4. Qual a reação do dono da casa? Que decisão ele tomou? Por quê?
5. Qual a expectativa do dono da casa quanto aos novos convidados? E quanto aos primeiros? (vs 23-24)

B. O que o texto significa? (vs 15-24)

1. Qual o significado de "comer pão no reino de Deus" para um judeu? (Mt 8.11-12; Lc 13.28-29)
2. O que simboliza a grande ceia? (Ap 19.9)
3. Quem são os primeiros convidados? (At 13.46)
4. Quem simbolizam os coxos, aleijados, cegos, etc.? (Lc 15.1-2)
5. E as pessoas dos caminhos e dos atalhos? (Mt 21.43; Ef 2.11-13)

C. O que significa para mim?

1. Muitas pessoas como em v 15 querem ir para o céu. Qual o problema deles?
2. Dê alguns exemplos modernos e pessoais de desculpas como os de vs 18-20.
3. Qual o perigo de rejeitar o convite de Deus?
4. Como um cristão pode rejeitar o convite? E um não cristão?

II. Informações Úteis:

A. **Comer pão**: expressão idiomática dos judeus (hebraísmo) para a idéia de "tomar ou comer uma refeição".

B. **Comer pão no reino de Deus**: é a idéia judaica que concebe a consumação do Reino como um grande e prolongado banquete com Deus e o Messias. Jesus usou esta linguagem para descrever o céu (Mt 8.11-12; Lc 13.28-29). Também João (Ap 19.9).

C. **Grande ceia**: geralmente dada no fim da tarde.

D. O método de convite: No Oriente, o anfitrião marca a festa, convida os convivas, avisando o dia da festa, mas não exatamente a hora. Depois dos convites terem sido aceitos, pelo número de convidados, ele prepara a festa. No dia da festa, quando tudo está pronto, o servo volta a chamar os convidados que já se comprometeram em ir.

E. Rejeitar o convite: sempre é um ato de descortesia. Neste caso, parece que querem insultar o anfitrião.

F. **Negócios**: ninguém no Oriente (e no Ocidente!!) faria um negócio no escuro. As desculpas dos versos 18-19 são ofensas veladas ao anfitrião.

G. **Casar**: não há motivo para não ir. É um recém-casado, mas não está em lua-de-mel. Ele já havia aceitado o primeiro convite.

H. Os convidados de v. 21: os párias da vila (veja vs 12-14).

I. Os convidados de v. 23: Pessoas que nem eram do vilarejo.
J. **Obrigar a entrar**: até mesmo os mais pobres usam do comportamento cerimonioso da cortesia oriental – eles resistem longamente, por modéstia, à hospitalidade até serem tomados pela mão e introduzidos na casa com mansa violência. (Exemplo: Lc 24.28-29. Veja o verbo: constrangeram). Não haveria violência de fato, pois o servo era um só.

III. Observações:

A. A graça de Deus oferece o banquete a todos: ninguém pode entrar sem ser convidado e ninguém fica fora a não ser por sua escolha deliberada.
B. O banquete messiânico: concretiza-se no céu, embora a igreja já é o início deste banquete (Mt 8.11-12; Lc 13.28-29; Ap 19.9). É a salvação do homem. É o céu.
C. Uma parábola semelhante é narrada em Mt 22.1-14. Sem dúvida é outra parábola, mas tem traços semelhantes a esta.
D. Quando os judeus rejeitam a Cristo, o reino não foi adiado, nem suspenso, nem cancelado, ele ocorreu do mesmo modo para os gentios e para os judeus que aceitaram. A igreja é o Reino na terra.
E. Não há um novo banquete, para quem rejeitou o primeiro. Não há salvação para quem rejeitou a Cristo. Temos que dizer "sim" a Jesus quando ele chama.
F. Obrigou (v 23): não justifica a perseguição religiosa e outras formas de compulsão. Este versículo já foi usado por Agostinho e outros pensadores para justificar coisas como a Inquisição Espanhola.
G. Os homens não vão frustrar os planos de Deus. Deus e os céus não serão frustrados pelos pecadores teimosos.
H. Rejeitar os convites de Deus já é, por si só, um grande insulto.

Lição 7 - A Parábola da Figueira Estéril
Lc 13.1-9

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz? (vs 6-9)

1. Qual é o teor geral da parábola?
2. Por que este homem que tinha um plantação de uvas, queria ter uma figueira? Quem consumiria as uvas? E os figos?
3. Qual a opinião dele sobre a figueira? Por quê?
4. Será que a culpa seria do solo?
5. Qual a proposta do empregado (viticultor)?
6. Qual o futuro da planta?

B. O que o texto significa? (vs 1-9)

1. Sobre que assunto Jesus estava ensinando no contexto da parábola? (3-5)
2. Qual é o significado da parábola? Que lição está por trás da narrativa?
3. Que seria a figueira (Mt 21.19ss; Mc 11.13)

C. O que o texto significa para mim?

1. Será que o fato de estarmos vivos e bem de saúde é sinal de que não seremos condenados? (1-5)
2. Falta de fruto espiritual gera o quê? (Lc 3.9; Mt 7.19; Jo 15.6)
3. A paciência de Deus é uma chance para o quê? (2 Pe 3.9, 15)

II. Informações Úteis:

A. **Galileus**: não sabemos muito sobre este incidente. Combina com o que sabemos de Pilatos. Os Galileus eram famosos revolucionários terroristas (At 5.37). Os Galileus aqui mencionados foram mortos em pleno culto no Templo (oferecendo sacrifícios). Talvez os que trouxeram esta notícia para Jesus esperassem algum pronunciamento político recriminando e julgando Pilatos ou Roma. Ao invés disto, Jesus recrimina e julga os seus interlocutores e seus ouvintes. Ao invés de falar de política, fala de arrependimento para com Deus.

B. Os judeus associavam pecado e sofrimento. O último em conseqüência do primeiro (Jo 9.1-3). Sem resolver a questão de modo exaustivo, Jesus diz que o pecado cedo ou tarde vai fazer com que pereçamos. Não é para ter medo de morrer, mas medo de ser condenado por não arrepender-se.

C. **Torre de Siloé**: também não temos informações históricas sobre este incidente. Pelo jeito dessas pessoas terem morrido drasticamente, poder-se-ia afirmar que foi porque eram piores que os outros. Jesus diz que todos que não se arrependerem vão perecer.

D. **Arrependimento** é a palavra chave para este texto. Os galileus e os que morreram no desabamento da torre não eram mais pecadores que os outros. O fato é que todos precisam arrepender-se. A definição de arrependimento, neste texto, é dada pela parábola da figueira – se ela abandonar sua infrutuosidade e tornar-se frutuosa, então ela será uma "figueira arrependida". Se ela não se arrepender, como todos os outros não arrependidos, perecerá. Neste ensino vemos como a pregação de Jesus enfatizava o arrependimento, como João Batista, antes dele, tinha enfatizado.

E. **Figueira**: uma das plantas proferidas dos judeus (muito doce, naturalmente). Símbolo de tranqüilidade e paz (Mq 4.4; Zc 3.10).
F. **Uma vinha**: pressupõe solo fértil, pois se a vinha estava produzindo, não haveria razão para figueira não fazer o mesmo.
G. **Três anos**: a árvore tinha pelo menos sete anos, pois os judeus não comiam dos primeiros frutos nos primeiros anos (Leia Lv 19.23-24).
H. **Estrume**: providência especial. Cavar para que o adubo atinja a raiz. Não se deve pensar que esta era a causa da falta de fruto. O terreno era fértil. Há uma graça e paciência fora do comum neste agricultor. Ele quer fazer o máximo possível pela planta.
I. **Cortar**: a melhor tradução é "arrancar".

III. Observações:

A. Privilégio gera responsabilidade.
A figueira estava privilegiadamente plantada em condição favorável – tinha obrigação de dar fruto. Também nós, que temos recebido tanto, temos obrigações para com Deus, nosso Criador e Redentor.
B. Inutilidade atrai o desastre. O que não é útil sempre acaba sendo jogado fora. Aqueles que não fazem da sua vida algo útil a Deus estão pedindo problemas.
C. Hoje é o dia da oportunidade. Cada dia de vida não prova que estamos inocentes e aceitáveis. Talvez, este ano seja "aquele último ano", no qual Deus está fazendo uma última tentativa conosco. A vida não é prova de inocência ou de estarmos agradando a Deus. Ninguém pode ficar seguro só porque está vivo!
D. Devemos nos arrepender. Arrependimento é definido como mudança radical. A árvore produzia muitas coisas: folhas, sombra, galhos etc. Mas o que o senhor queria eram os frutos. Nosso arrependimento também tem que produzir em nossas vidas o que Deus quer e não o que porventura achemos interessante.
E. A misericórdia e a vida que temos são uma chance de Deus para que mudemos de vida e não para nos acomodarmos pensando que tudo está bem.

Lição 8 - A Parábola do Credor Incompassivo
Mt 18.23-35

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz? (vs 23-34)

1. Qual a história geral da parábola?
2. Que tipo de servo foi apresentado no v. 24? Como ele poderia dever tanto?
3. Por que vender o homem e sua família já que isto não saldaria a dívida?
4. O servo pode cumprir o que prometeu no v. 26?
5. Por que o rei perdoou o servo?
6. Qual é a atitude do servo perdoado para o seu colega devedor? Quais os resultados de sua atitude?
7. Por que no v. 32 o servo é chamado de malvado?
8. Qual o destino do servo impiedoso? (Compare com o destino anterior).

B. O que o texto significa? (vs 21-35)

1. Qual o assunto do contexto anterior a esta parábola (vs 21-22)? Qual a aplicação que Jesus fez?
2. Identifique na parábola o que Pedro e os outros discípulos entenderam ser: o rei, o servo impiedoso e o servo devedor?
3. O que é a dívida de 10.000 talentos? E a de 100 denários?
4. Qual a lição principal?

C. O que o texto significa para mim?

1. Quais os bons motivos, sugeridos nesta parábola, para perdoar os nossos devedores?
2. Qual a qualidade do perdão exigido?
3. Como esta parábola nos ensina a perdoar?
4. Quem é o modelo de perdão?

II. Informações Úteis:

A. **Reino dos Céus**: é o jeito de Mateus falar Reino de Deus sem usar o nome de Deus, pois ofenderia a sensibilidade de seu auditório judeu (Mt 19.23-24). É a igreja (Mt 16.18-19).

B. **Ajustar contas**: aceitar os pagamentos devidos ao tesouro.

C. **Servos**: os mais altos funcionários de um reino chamam-se servos de seu rei. Governadores, sátrapas, etc.

D. **Dez mil talentos**: soma absurda. Para ter uma idéia do valor, em 4 a.C., o imposto anual de toda a Galiléia e Peréia, pago a Roma foi a exorbitante quantia de 2.000 talentos. O valor de 10.000 talentos seria equivalente a 174 toneladas de ouro. Embora o valor monetário tivesse mudado um pouco, o templo de Salomão foi construído com 7.000 talentos de ouro e 17.000 de prata (1Cr 29.4-7 - Veja também Et 3.9). Lembre que este templo era uma maravilha!

- Um talento valia aproximadamente 6.000 denários;
  1 talento = 6000 denários.
- Um denário valia cerca de 10 Dólares:
  1 denário = 10 Dólares Americanos

- Logo, um talento valia aproximadamente 60.000 Dólares Americanos.
- Assim, a dívida de 10.000 talentos equivaleram, hoje em dia, a 600 milhões de Dólares!!
  [10.000 x 6.000 x 10 = 600.000.000 de Dólares]
- Se um Dólar valesse três Reais, a dívida em reais é 1 bilhão e oitocentos milhões de Reais! A dívida era imensa e impossível de ser imaginada ou paga.

E. O servo **nunca** poderia pagar esta dívida. A venda dele e da família como escravos era um castigo. Pressupõe um rei não judeu (Lv 25.39-55). Judeus não eram vendidos como escravos por reis Judeus (Veja 2Rs 4.1)
F. **O rei** é magnânimo ao extremo: atendeu mais do que foi pedido. Podemos imaginar a grandeza em misericórdia e poder de um rei que pode perdoar tanto sem ir à bancarrota!
G. **Cem denários**: uma soma com certo valor, cerca de 1.000 Dólares [Se um Dólar Americano valesse 3 Reais, a dívida seria de R$ 3.000,00 – uma boa soma, mas nada comparável com a fortuna anteriormente mencionada]. Além de ser uma dívida irrisória, se comparada com a anterior, esta era possível pagar. O fato deste homem dever e não poder pagar já mostra que era um homem de menos condições que o primeiro.
H. **Sufocava**: comum no processo antigo.
I. **Prisão**: veja Mt 5.25-26. Porém para dívidas financeiras a prisão era aplicada. Pressupõe-se uma situação não judaica.
J. **Malvado**: o servo não foi vituperado antes. Sua dívida não era nada em comparação com sua falta de misericórdia.
K. **Verdugos**: torturadores (Isto pressupõe uma reino situação não judaica). Eles eram usados para fazer o homem contar se escondeu algo ou para que ele pedisse providências família. Este homem nunca poderá pagar toda aquela dívida.

III. Observações:

A. Os rabinos ensinavam a perdoar três vezes. Pedro achou que seria generoso em oferecer sete vezes. Jesus disse que é para perdoar sempre (70 x 7, ou também 77 vezes – as duas tradições textuais). Veja Lc 17.3-4; 23.34.
B. Devemos perdoar porque Deus nos perdoou. Amor: 1Jo 4.11, 19-21. Perdão: Ef 4.32, Cl 3.13.
C. Devemos perdoar para que Deus nos perdoe. Mt 5.7; 6.12, 14-15; 7.2; Mc 11.25; Lc 6.36-38. Tg 2.13.
D. O perdão que recebemos de Deus é descomunal. Nada poderia pagar nossa dívida para com Deus. O perdão que damos ao próximo é nada ou muito pouco, quando comparado com o que Deus fez (veja Jo 8.7 e medite). Nenhuma ofensa contra nós é imperdoável.
E. Se alguém não está pronto para perdoar, também não está pronto para receber o perdão.

Lição 9 - A Parábola dos Vinhateiros Maus
Mt 21.33-46

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz? (vs 33-41)

1. Qual a teor geral da parábola?
2. Que cuidados toma o proprietário com sua vinha no v 33?
3. Para que são enviados os servos? Quantos grupos e qual o tratamento por eles recebidos?
4. Por que o proprietário enviou seu filho?
5. Que pensaram e fizeram os lavradores com o filho?
6. Qual a reação que se esperava do proprietário no fim de tudo isso? (v 41)

B. O que o texto significa? (vs 33-46)

1. Qual a aplicação que Jesus fez em vs 42-44?
2. Qual o entendimento dos ouvintes sobre a parábola?(v 45)
3. Identifique a vinha, o dono, os agricultores, os servos, o filho, a destruição dos agricultores e o outro povo que produz os frutos certos.

C. O que o texto significa para mim?

1. Se não nos comportarmos como Deus quer, o que vai acontecer?
2. Se não damos os frutos que Deus espera de nós, iremos continuar sendo o seu povo?
3. O que este texto ensina sobre o caráter de Deus?

II. Informações Úteis:

A. **Dono de casa**: proprietário, chefe de família, talvez até latifundiário (Mt 20.1)

B. **Vinha**: plantação de uvas. Uma das principais atividades agrícolas da Palestina. Símbolo da nação de Israel: Is 5.1-2; 27.2; Jr 2.21; Jl 1.7.

C. **Cercou-a de uma sebe**: proteção contra ladrões e animais selvagens.

D. **Lagar**: dispositivo de dois "tanques", um mais alto do que o outro, onde o mais alto comunicava-se com o mais baixo por um pequeno canal. No primeiro as uvas eram pisadas e o suco escorria para o segundo.

E. **Torre**: para vigiar a vinha, servir de armazém e de alojamento para os agricultores.

F. **Arrendar**: aluguel de terras muito comum. O preço podia ser fixado em dinheiro ou, como neste caso, em frutos. Podia ser uma quantia fixa ou uma percentagem da colheita (geralmente 1/3 da mesma).

G. **Ausentar-se do país**: comum para os ricos (Mt 25.14). Mostra confiança.

H. **Servos**: emissários do dono. Executivos de sua vontade.

I. **Espancar, matar e apedrejar**: ações agressivas que lembram o tratamento comum recebido pelos profetas. Leia Mt 22.6; 23.31,35,37; Lc 13.37; 1Rs 18.4; 19.10; 22.24; 2 Cr 24.21,37; Ne 9.26; Jr 2.30; 20.1-2; 26.20-21; 37.15; 38.6.

J. **Filho**: autoridade máxima. É o mesmo que o dono vir em pessoa. Referência clara a Jesus (Hb 1.1-2; Jo 3.16-17; 1Jo 4.9).

K. **Matar o filho**: pelas leis vigentes, uma propriedade sem dono poderia ser tomada pelo que primeiro a ocupasse. Os agricultores, vendo o filho,

provavelmente único, pensaram: o dono (pai) morreu e agora matando o herdeiro a terra estará "sem dono" e, portanto, será nossa.

L. **Fora da vinha**: veja Hb 13.12.

M. Conclusão: a questão e a resposta (vs 40-41). É uma auto-condenação. Também uma "profecia" da queda de Jerusalém em 70 DC.

N. Citação de Sl 118.22-23: No Velho Testamento refere-se a Israel rejeitada pelos povos gentílicos mas crucial no plano de Deus. No Novo Testamento refere-se a Cristo, a pedra rejeitada pelos construtores (líderes) – At 4.11; Rm 9.33; 1Pe 2.4; Ef 2.30; 1Co 3.11. Pedra (angular) era a pedra principal da qual se tiravam as medidas na construção e que servia de base da construção.

O. Versículo 43: Israel não é mais o povo de Deus. A igreja é o novo povo de Deus (1Pe 2.9-10; Gl 6.16).

P. Versículo 44: Alusão a várias passagens do Velho Testamento em que se fala do juízo contra o povo de Deus em sua rebeldia (Is 8.14, 15; 28.16). O reino foi descrito como pedra que esmiúça (Dn 2.34,44-45). Esta mesma imagem foi usada para descrever Israel em Zacarias 12.3 e, aqui, é aplicada a Cristo.

III. Observações:

A. A parábola ensina que Deus...
1. É muito bom.
2. Confia.
3. É paciente.
4. Mas julgará a rebeldia.

B. A parábola ensina que o homem...
1. Recebe muitos privilégios de Deus.
2. Tem liberdade de atuação.
3. Tem responsabilidade para com Deus.
4. É rebelde contra Deus.

C. A parábola ensina que Jesus...
1. Tem direito de Filho de Deus.
2. Foi morto por nossa culpa.
3. Se rejeitado, trará juízo.
4. É a pedra angular que não pode ser rejeitada.

D. Reações: quando compreendemos que uma lição bíblica foi "dirigida" a nós, devemos dar graças a Deus, mudar de vida e não reagir contra o orador.

E. Os judeus não são mais o povo de Deus: Qualquer povo ou pessoa que rejeitar a Jesus Cristo não faz parte do povo de Deus. Hoje em dia há muitos que querem voltar ao judaísmo. Jesus, contudo, convida o judeu e o não judeu para entrar com ele na Nova Aliança.

Lição 10 - A Parábola do Juiz Iníquo
Lc 18.1-8

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz? (vs 2-5 - só a parábola)

1. Como transcorre a parábola?
2. Como é descrito o caráter do juiz?
3. O que a viúva queria? Por que o juiz não a atendia?
4. Por que, finalmente, o juiz julgou a causa da viúva?

B. O que o texto significa? (1-8)

1. Qual a introdução que Lucas dá para a parábola? Qual o sentido da mesma?
2. Que tipo de consideração Jesus quer que façamos ao ouvir esta parábola?
3. Qual a advertência que Jesus adiciona no fim de seu ensino? Por que ele adiciona?

C. O que o texto significa para mim?

1. Qual a lição sobre oração que este texto ensina?
2. Como podemos praticar esta lição?
3. Em que tipo de situação devemos nos colocar para que possamos praticar esta lição?
4. Que condição de fé temos revelado por nossa constância em oração?

II. Informações Úteis:

A. **O dever**: a palavra designa necessidade moral.

B. **Esmorecer**: literalmente significa ceder ao mal. Perder o ânimo, tornar-se covarde, cansar-se.

C. **Juiz**: certamente não é um juiz judaico (ancião), mas um magistrado de Herodes ou de Roma. Eram conhecidos como ladrões e amantes de suborno. O Velho Testamento é repleto de advertências contra perversão do juízo (2Cr 19.4-6; Am 2.6-7; 5.10-13).

D. **Não temer a Deus e não respeitar os homens**: ele só conduzia por si mesmo. Apelos a Deus ou humanidade de nada serviriam. Tentar intimidá-lo por fazê-lo envergonhar-se na frente da sociedade seria impossível: era um desavergonhado. Homem insensível, egoísta e poderoso.

E. **Viúva**: o caso típico de alguém muito desamparada (Ex 22.22-23; Dt 10.18; 24.17; 27.19; Sl 68.5; Is 10.2; Jr 22.6; Tg 1.27). Pelo costume oriental, mulheres não iam ao fórum. O fato de esta viúva comparecer pessoalmente no tribunal mostra o quanto ela é desamparada – não tem ninguém para lutar por ela. A igreja sempre preocupou-se com viúvas (At 6.1-6; 9.39-41; 1Tm 5.3-16). A única arma que possuía era a insistência, e ela usou-a até o fim.

F. **Adversário**: qualquer um que tivesse algo para ser devorado teria adversários. Este adversário da viúva era alguém que quer tirar proveito de sua condição indefesa.

G. **Não queria atender**: o juiz não ganharia um suborno ou propina neste caso. Para que ele atenderia a viúva?

H. **Resolveu atender**: não por amor ao certo, mas por estar cansado de ver as lamúrias da mulher. Ele continua pensando só em si. Esta mulher está infernizando sua vida. Precisa julgar sua causa e ver-se livre dela.
I. **Considerai**: Jesus ensina pelo contraste. "Se um juiz malvado atende uma mulher desamparada, quanto mais o Pai cheio de amor irá atender os seus filhos eleitos e preferidos!" A lição é: insistam em oração.
J. Parábola paralela: Lc 11.5-8, 13.
K. O versículo 7 tem outras possíveis traduções mas parece que a Almeida Revista e Atualizada é a melhor. Deus demora, mas atende (Hb 10.37; 2Pe 3.8-9).
L. O contexto anterior (Lc 17.20-37) fala da volta de Cristo, e é dentro da expectativa de sua volta que nós podemos orar e orar. Quando ele voltar quer nos encontrar orando, como sinal de nossa fé.

III. Observações:

A. Orar sem cessar: Lc 11.9-13; 21.36; Rm 1.9-10; 12.12; Ef 6.18; Cl 4.2; 1Ts 5.17. Não há lição mais insistente sobre a oração do que as lições sobre orar insistentemente.
B. Deus é justo: Hb 12.23: Sl 7.11. Sempre podemos confiar que, em algum momento, a justiça será feita.
C. O clamor por justiça chega a Deus: Tg 5.4; Ap 6.10. Os Salmos e muitos textos bíblicos nos ensinam sobre o juízo final que resolverá toda injustiça. Contudo, nem sempre teremos que esperar até o fim dos tempos.
D. Assim como a viúva é desamparada, assim também é a igreja está, aparentemente desamparada, num mundo de pecado. A igreja só depende de Deus, e por isso deve orar a ele, para que logo venha e execute sua justiça. A igreja ora: Maranata!
E. A medida da fé é confiança na oração: Mt 8.10; Lc 7.9. A medida de nossa fé pode ser aquilatada pela freqüência, intensidade e confiança nas orações.
F. Problemas morais com esta parábola:

Alguns leitores desta parábola ficam surpresos com o fato do juiz injusto que atende a viúva ser comparável a Deus que atende nossas orações.

O fato é que Jesus quer que aprendamos deste contraste: se um juiz injusto e ímpio atende relutantemente uma pessoa por pura importunação, quanto mais nosso Deus e Pai, bom, justo e misericordioso não desejará irá atender seus filhos apressadamente? A lição fica mais forte justamente pelo contraste. Se um homem mau consegue fazer o que alguém lhe pede, quanto mais um Deus bom atenderá seus filhos?

Lembre-se que o problema só existirá se desejarmos alegorizar a parábola dando a cada personagem um "papel" espiritual. Por exemplo: o juiz injusto é Deus, o inimigo é Satanás e o viúva é a igreja (ou o cristão). Embora esta alegoria pareça "bonitinha", não é a intenção da parábola e daria a Deus a função de "um deus mau e egoísta", coisa que certamente Jesus não gostaria de sugerir ou ensinar.

Lembre-se que muitos personagens das parábolas são pessoas más. Não aprendemos delas, mas das lições que a parábola, em conjunto, ensina.

Lição 11 - A Parábola do Servo Inútil
Lc 17.7-10

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz? (vs 7-9)

1. Qual é o teor da parábola?
2. O que o servo fazia no campo? O que ele vai fazer chegando em casa?
3. Era normal convidar o escravo para comer junto com o dono?
4. Um escravo que obedece seu senhor faz algo de especial a ele?

B. O que o texto significa? (vs 7-10)

1. A quem Jesus aplica a parábola no v. 10? Quem são os servos?
2. O que significa dizer que somos servos inúteis? Deus não se agrada da nossa obediência?
3. É possível aos discípulos obedecerem tanto a Deus que Deus fica "endividado" com eles?

C. O que o texto significa para mim?

1. Podemos comprar nossa salvação, pela prática da obediência?
2. Como servos que somos, qual deve ser nossa primeira preocupação?
3. Devemos trabalhar por Cristo esperando recompensas?

II. Informações Úteis:

A. O contexto da parábola: desde o cap. 15, há uma série de parábolas em contraposição ao pensamento dos fariseus e os escribas. O contexto pode ser este. Por outro lado, pode ser que Jesus estivesse falando só com os discípulos (17.1,3). Falando sobre não ser tropeço, mas perdoar os outros (1-4). Isto gerou uma questão sobre a fé (5-6). Jesus, porém, resolveu acompanhar estes conselhos com o da humildade no serviço de Deus (7-10).

B. **Qual de vós?** 1. expressão genérica; 2. geralmente quando Jesus usa esta expressão ele vai falar de algo que ninguém faria (Lc 13.15; 14.5; Mt 12.11).

C. **Servo**: escravo. Pessoa que vive em completo serviço ao seu senhor. Não era necessário ser muito rico para ter um escravo. Os livros judaicos antigos supõem que um homem comum tem pelo menos um escravo. O relacionamento escravo-senhor não tinha só aspecto negativos. O senhor dava identidade, sustento, senso de missão para seu escravo. O escravo participava da dignidade e alegria de seu senhor. No mundo greco-romano, o escravo normalmente seria libertado um dia – mas isto não é a questão aqui.

D. **Escravo** comendo com o dono: Impossível no mundo normal. Cristo nos trata assim. (Lc 12.37; 22.27; Jo 13.4,13; 15.15,20). O normal é v. 8.

E. **A ceia**: é a refeição das 15hs, provavelmente.

F. **Agradecer**: no original existe também a idéia de ficar obrigado para com o outro. Isto não é possível. O dono não fica devendo nada ao escravo, nem mesmo um "muito obrigado".

G. **Servos inúteis**: não no sentido que é igual a um servo desobediente, mas no sentido que não faz nada de anormal, nem nada de excepcional. Um relógio que marca corretamente as horas não é excepcional.

H. As perguntas e observações do texto preparam as respostas:

1. Na expressão de v.8 espera-se a resposta sim.
2. Na pergunta de v.9 espera-se a resposta não.

III. Observações:

A. Nós somos servos e como tais, devemos:
   1. Servir ao Senhor.
   2. Pensar primeiro no Senhor.
   3. Ficar em nosso próprio lugar de servo.
   4. Não pretender retribuição ou paga.
   5. Trabalhar sempre.

B. Este texto ensina sobre salvação:
   1. A salvação não vem por obras de justiça porque as mesmas não são méritos a serem alcançados, mas o nosso dever.
   2. Quando obedecemos a Deus, fazemos apenas o nosso dever.
   3. Quando desobedecemos, estamos entrando em uma dívida irremediável, pois obediência alguma paga ou compensa a desobediência.
   4. Portanto, a salvação só pode ser um dom de Deus.
   5. Não existe lugar para auto-justificação, para orgulho ou qualquer classe de exaltação.
   6. Na verdade, o sentimento que deve haver no "servo inútil" é libertador, pois não ficamos esperando recompensas e nem reconhecimento. Servir entendendo que é nosso dever e obrigação, liberta-nos do tirano do egoísmo e da vaidade.

Lição 12 - A Parábola dos Filhos Perdidos
Lc 15.11-32

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz? (vs 11-32)

1. Qual é o teor da parábola?
2. Quantos filhos têm o homem? Qual deles quer a sua parte da herança? O que fez o outro filho?
3. O que o filho mais novo fez com suas propriedades?
4. Quais os problemas que enfrenta o filho mais moço no estrangeiro?
5. Qual o pensamento e plano em vs 17-19?
6. Qual a atitude do pai na volta do filho?
7. Qual a atitude do irmão mais velho?

B. O que o texto significa? (vs 1-2, 3-10, 11-32)

1. Qual era a situação na qual Jesus estava que o levou a contar esta parábola? (vs 1-2)
2. Qual o sentido das parábolas anteriores? (vs 7, 10)
3. Identifique o pai, o irmão mais velho e o irmão mais novo na situação histórica dos versos 1-2.
4. Qual a lição principal que Jesus queria dar com parábola?

C. O que o texto significa para mim?

1. Que tipos de pecado cometemos com os quais nos assemelhamos ao filho mais moço? E que pecados nos assemelhamos ao filho mais velho?
2. O que este texto ensina sobre o arrependimento? E sobre o orgulho?

II. Informações Úteis:

A. **Certo homem** - pessoa com certas posses como sugere a parábola.

B. **Dois filhos** - o filho mais velho é citado desde o início. O jeito dele não fazer nada para reconciliar seu irmão a seu pai mostra que ele também está perdido. Sua omissão é sua culpa.

C. **O filho mais moço** - tinha direito a 1/3 (um terço) da herança. O irmão mais velho levava o dobro. Nenhum filho tem o direito nem a ousadia de pedir a herança estando o pai em vida. Isto é um insulto. É desejar a morte do pai.

D. Legislação sobre a partilha/herança - a herança poderia ser passada em testamento ou doação entre vivos. No último caso, se o pai, por sua iniciativa assim quisesse transmitir seus bens, ele os daria do seguinte modo: os bens seriam constituídos de capital e posses. O capital era transferido automaticamente, e as posses seriam transferidas ao filho. O filho teria o direito de posse, mas não ainda o direito de dispor (vender), e o gozo do uso (usufruto). O pai ficaria utilizando as posses até sua morte. O que o filho mais novo pede é um absurdo. Ele pede o direito de posse e o direito de dispor, além do capital.

E. Versículo 13 - o rapaz transformou a herança em dinheiro e foi para uma cidade mais cheia de prazer. Em Israel e no Oriente, vender a herança é coisa típica de um renegado.

F. **Dissolutamente** - vida desregrada e libertina. Exageros e gastos impensados. (Pv 29.3 - situação semelhante).

G. **Fome** - muito comum, situação de penúria (Gn 47.13; At 11.28). O jovem imprudente tinha dois problemas: falta de dinheiro e as dificuldades da conjuntura do país.
H. **Agregou** - colou. O homem queria livrar-se do jovem. O meio de fazer isso era oferecer um emprego que certamente seria recusado. Mas o jovem não recusou e foi cuidar dos porcos.
I. **Guardar porcos** - Longe da cidade tão desejada. A pior profissão possível. A tradição judaica dizia: "Maldito seja o homem que cria porcos". O jovem não podia praticar sua religião; tinha de fato de renegá-la. Os porcos eram para o alimento do dono, mas ele daria as piores partes para os cuidadores. Este jovem, porém, não poderia comer carne de porco (Lv 11.7).
J. **Alfarrobas** - existem duas espécies no Oriente. Aqui, certamente, refere-se espécie de vagens negras, de sabor desagradável e baixo valor alimentício.
K. **Trabalhadores** - duas idéias possíveis: a idéia de rebaixar-se ao nível pior de serviço que existia no 1º século; ou a idéia de ser independente e até certo ponto recuperar-se de seu erro. A segunda idéia parece melhor – o moço ainda tinha certo orgulho e pensava em "pagar" por sua vida. Ele não queria graça, mas trabalho. Sobre trabalhadores, veja Mt 21.1-16.
L. **Contra o céu** - um modo de referir-se a Deus sem chamar-lhe pelo nome, para não pecar se invocar o nome de Deus em vão.
M. **Seu pai o avistou** - sugere certa vigilância por parte do pai.
N. **Correndo** - excepcional para um ancião do Oriente. Um ancião não corre, mas sempre procura andar com ar respeitável e digno. Isto demonstra grande amor, acima do respeito a si. Na verdade, o pai atrai toda a vergonha e atenção para si, fazendo com que ninguém culpe ou acuse seu filho. Eles agora falarão mal dele e não do filho. Ele assume o lugar de vituperado que caberia ao filho, na boca do povo.
O. **Compadecido** - a parte que mais descreve a Deus, no teor geral da Bíblia. A palavra volta a ocorrer na parábola do Samaritano.
P. **Beijou** - sinal de perdão, como em 2Sm 14.33.
Q. **Melhor roupa** – Uma túnica seria dada para um convidado muito digno. O filho vai entrar em casa com roupas nobres, e não rasgado e sujo como chegou. O pai está cobrindo as transgressões de seu filho.
R. **Anel** - autoridade do pai.
S. **Sandálias** - reconhecimento como filho e como senhor dos escravos que o calçavam. Um escravo andava descalço, os filhos não.
T. **Novilho cevado** - animal engordado para uma ocasião especial. Para comer tanta carne, provavelmente toda a aldeia foi convidada. Era a redenção pública do filho.
U. **O filho mais velho** - representa a atitude dos fariseus que não queriam aceitar os publicanos.
V. **Sirvo** - sirvo como escravo. Dá a idéia que este filho nunca aprendeu a apreciar o seu relacionamento de filho. Ele também queria alegrar-se independentemente da comunhão do seu pai, só que de um modo mais recatado. Este filho também estava perdido, embora estivesse em casa.
W. **O pai, saindo, procurava conciliá-lo** - o pai saiu duas vezes atrás de seus filhos perdidos.

X. **Meretrizes** - só o irmão mais velho supõe e menciona este detalhe repugnante. Isto mostra o seu ressentimento.
Y. No verso 31 deveria estar o prazer e segurança do filho mais velho e de todos os religiosos. O prazer maior não é recompensa egoísta, mas a comunhão com Deus.
Z. A parábola se encerra com várias dúvidas, na verdade, encerra-se aberta, deixando aos ouvintes a necessidade de terminar a história. Como procedeu o irmão mais novo? O irmão mais velho entrou para a festa?

III. Observações:

A. O engano generalizado é ver na figura do filho mais moço o ponto principal da parábola: Deus ama os pecadores. Este é sem dúvida um dos ensinos incidentais da parábola, mas não o seu ponto principal. Esta parábola tem dois pontos altos: verso 24 e 32. Em parábolas com dois pontos de clímax, o segundo geralmente contém a lição principal.
B. O contexto mostra que Jesus tinha sido criticado por admitir e ensinar os "publicanos e pecadores" (Lc 15.1-2). Ele em duas parábolas gêmeas ensina que Deus quer o arrependimento dos pecadores e não sua condenação (Lc 15.3-10, Ovelha perdida e Moeda perdida). Nesta parábola ele procura convidar os fariseus (como o irmão mais velho) a entender e cooperar com a graça de Deus.
C. A parábola encerra sem que saibamos a reação do filho mais velho. Isto foi feito propositadamente por Jesus. O alvo é que cada um decida como vai agir em função da graça de Deus: vamos aceitá-la ou vamos rejeitá-la?
D. Os dois filhos perdidos - É possível estar perdido longe de Deus ou estar perdido próximo de Deus. O primeiro caso é ilustrado pelo pecado comum (e os notórios). O segundo pode bem ser o dos "religiosos" que tentam se auto-justificar e salvar-se por si mesmos perante Deus.
E. O pai de amor - descreve o modo de Jesus aceitar os pecadores e publicanos. Descreve a misericórdia e bondade de Deus.

Lição 13 - A Parábola dos Talentos
Mt 25.14-30

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz? (vs 14-30)

1. Qual é o teor geral da parábola?
2. O que é um talento? (No sentido da parábola)
3. Com que critério foi feita a distribuição dos talentos?
4. Que fez cada um dos três servos?
5. Que fez o senhor dos servos quando retornou?
6. O que disse o terceiro servo para se inocentar perante o dono? Ele estava certo?
7. Qual o princípio em v.29?

B. O que o texto significa?

1. Em que contexto esta parábola está colocada?
2. Qual o significado básico da parábola em função do contexto anterior e posterior?
3. Identifique: o senhor, os servos, os talentos, a volta do senhor e o ajuste de contas.

C. O que o texto significa para mim?

1. Como podemos ser servos bons e fiéis?
2. O que caracteriza um servo mau e negligente?
3. Como esta parábola se aplica em nossa situação como igreja?

II. Informações Úteis:

A. O contexto anterior - fala de lições e parábolas referentes a volta de Cristo e a necessidade de vigilância. O contexto posterior é uma parábola sobre o juízo. Nessa parábola fala de volta e juízo.

B. **Homem ausentando-se do país** - prática comum (Mc 13.34; Lc 19.12-13; 21.33; Mt 24.45-51). Nestes casos era comum deixar os servos encarregados de várias tarefas e negócios do patrão. Era possível aos escravos negociar e trabalhar como se fosse um artesão. Desta forma, ele daria uma parte de seus rendimentos ao seu dono.

C. **Talentos** - inicialmente significava uma unidade de peso, depois veio a tornar-se o nome de uma quantidade de dinheiro. Valia 6.000 denários (o denário é a renda de um trabalhador simples).

D. Distribuição conforme a capacidade - dar mais ou menos do que um servo saberia manipular, resultaria em problemas de sobrecarga ou de ociosidade, respectivamente. Deus dá dons conforme nossa capacidade: Rm 12.3,6; 1 Co 12.7,11,29; Ef 4.11.

E. **Cova** - era o meio mais seguro de guardar os bens (Mt 13.44; Mt 6.10-21).

F. **Muito tempo** - o tempo necessário para negociar.

G. **Muito bem, servo bom e fiel...** - os vs. 21 e 23 são idênticos. Os dois servos dobraram o capital de seu senhor. Os dois recebem o mesmo elogio e a mesma recompensa. Tinham sido bons e fiéis para com seu dono.

H. A resposta do servo mau - era uma acusação ao seu dono, dizendo que ele era avarento e aproveitador. O servo acha que está certo em devolver o que era dele do jeito que tinha recebido, pois qualquer outra renda não seria de

fato do senhor – ele acusa seu senhor de ser ladrão. Ele se desculpa afirmando ter medo.

I. A condenação do servo - mau por ser tão caluniador e malicioso; negligente por ser realmente um vagabundo preguiçoso. O dono assume a acusação e diz: "Se você tem medo de mim, pelo menos devia ter medo de verdade e tomado algumas providências". O servo realmente não tinha tanto medo do seu dono. "Quem tem medo de perder, vai acabar perdendo".

J. **Juros** - os judeus não podiam cobrar juros do povo judeu (Ex 22.25; Lv 25.35-37; Dt 23.29; Sl 15.5; Ne 5.10-12), mas dos gentios poderiam (Dt 23.20). Os juros máximos, no Império Romano, eram de 12% ao ano.

K. **Dar ao que tem dez** - explica o princípio de quem é fiel no pouco está pronto para ser fiel no muito, e também o princípio do v.29 (Mt 13.12; Mc 4.25; Lc 8.18; 19.26).

L. O destino do servo inútil - o inferno (Mt 8.12; 13.42,50; 22.13; 25.51; Lc 13.28). A linguagem vem do Salmo 112.10, onde ranger de dentes expressa raiva e ódio.

III. Observações:

A. Somos diferentes uns dos outros. Deus respeita nossas diferentes capacidades e individualidade.

B. Temos que usar o que temos. Se não usamos o que temos iremos perdê-lo.

C. As coisas pequenas nos testam para que possamos perceber as grandes. A fidelidade nas pequenas coisas nos prepara para sermos fiéis nas grandes coisas (Mt 24.45-47; Lc 12.44; 16.10; 22.29-30; 2Tm 2.12).

D. A recompensa do trabalho é mais trabalho a um nível maior e de mais realização.

E. A fidelidade é recompensa. O fato de termos diferentes capacidades não é levado em conta. Não precisamos ser os mais hábeis de todos, mas precisamos ser tão fiéis quanto qualquer um.

F. Na parábola dos talentos, não havia nenhum servo que não recebeu nenhum talento! Jesus, propositadamente, construiu a parábola deste modo para evitar que disséssemos: "Ah, Senhor! Eu não tenho 'talento', eu não posso servi-lo". Ninguém pode dizer isto. Temos talentos, vamos buscar utilizá-los.

G. Lições sobre a mordomia cristã:

1. Deus nos dá "talentos": [não moedas, mas habilidades].

   Hoje, Deus dá talentos e dons a todos nós conforme nossa capacidade [Rm 12.3,6; 1Co 12.7,11,29; Ef 4.11; 1Pe 4.10-11]. Somos diferentes uns dos outros. Deus respeita nossas diferentes capacidades e individualidade, mas todos recebem alguma coisa. Não há ninguém sem "talento".

2. Deus exige que usemos bem os "talentos" que recebemos: [não moedas, mas habilidades].

   Temos que usar o que temos. Se não usamos o que temos iremos perdê-lo. "Deus aceita ferramenta velha e até quebrada (ele conserta), mas não aceita ferramenta enferrujada".

3. Deus exige que usemos os "talentos" com fidelidade: [não moedas, mas habilidades].

   A fidelidade é que é recompensada e não a eficiência.

O fato de termos diferentes capacidades não é levado em conta. Uns têm mais capacidade e outros têm menos, mas todos têm alguma capacidade.

Não precisamos ser os mais hábeis de todos: não há competição no reino de Deus. O que precisamos é ser fiéis com aquilo que Deus nos confiou.

4. Deus exige que usemos os "talentos" para nos dar mais "talentos": [não moedas, mas habilidades].

Nossa fidelidade nas coisas pequenas nos prepara e testa para que possamos, um dia, receber as grandes coisas (Mt 24.45-47; Lc 12.44; 16.10; 22.29-30; 2Tm 2.12).

A recompensa para quem usou bem o que recebeu é receber mais ainda para usar bem outras coisas.

O TERMO "TALENTO" NA LÍNGUA PORTUGUESA

Originalmente, na antiguidade greco-romana, o **talento** era uma medida de peso de prata [cerca de 35 a 40 quilos], e depois, uma quantidade de moedas [um talento valia 6.000 denários, sendo que o denário era o salário de um diarista].

Na língua portuguesa, contudo, quando falamos que alguém tem muito talento, não pensamos nem em prata e nem em moedas. Uma pessoa "talentosa" ou "com muito talento" é aquela que tem capacidades, aptidões, dons e/ou habilidades que podem ser naturais ou adquiridas.

A história[1] do termo em português deve ter sido mais ou menos a seguinte. A parábola de Jesus sobre os homens que receberam vários talentos (moedas) de seu senhor tornou-se conhecida.

A palavra grega *tálanton*, do Evangelho de Mateus foi vertida para o latim usando o termo latino equivalente que é ***"talentum"***.

Como muitas das palavras do português vêm do latim, a palavra latina foi passada à língua portuguesa como "talento" já no século XV.

Ainda nesta época, todos os termos significavam a mesma coisa: *tálanton* = ***talentum*** = talento = uma quantidade de prata ou de moedas.

Contudo, com o tempo, o termo passou designar uma "inteligência excepcional" no Século XVI. No Século XVII, já se usava "talento" para designar uma "aptidão natural ou uma habilidade adquirida".

Assim, mesmo que a parábola dos talentos falava de homens que receberam uma quantia de dinheiro para administrar, é fácil notar que devemos aplicar a lição para falar do bom uso de nossos recursos, tempo, habilidades, capacidades e dons, pois todos estes foram dados por de Deus.

[1] Antônio Geraldo da Cunha, **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa (2ª edição, 7ª impressão)**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996, pág. 751

Lição 14 - A Parábola do Publicano
Lc 18.9-14

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz? (Lc 18.10-14a)

1. Qual o teor geral da parábola?
2. Qual o propósito dos dois homens? Onde eles se encontram?
3. Como seriam encarados pela sociedade cada um destes homens em termos espirituais?
4. O que há de diferença entre as orações apresentadas?
5. Como a justificação foi obtida?

B. O que o texto significa? (Lc 18.9-14)

1. Quem eram as pessoas com o ponto de vista descrito em verso 9?
2. O que Deus quer e o que ele não quer de acordo com a parábola?
3. Já que as coisas que o fariseu faz não estão erradas em si mesmas, por que ele não foi justificado?
4. Deus estaria sendo injusto?

C. O que o texto significa para mim?

1. Temos a atitude de comparação com outros? Ou comparamo-nos com Deus?
2. Pensamos em salvação como sendo algo que merecemos?
3. Somos humildes e arrependidos perante Deus, ou queremos nos justificar por nós mesmos?

II. Informações Úteis:

A. Contexto: O contexto é de oração (Lucas 18.1-8). Também o verso 9 define o contexto em termos de público/ocasião. A conclusão do verso 14 é importante para entender o princípio que se ensina na parábola.

B. Homens **indo ao templo para orar**: Os judeus oravam três vezes ao dia (às 9, 12 e 15 horas). Subir ao templo para tal era a melhor prática (Atos 3.1). Talvez o ambiente aqui seja o da oração das 15 horas que era realizada simultaneamente com o sacrifício de propiciação (verso 13). Várias pessoas estariam orando nos átrios do templo nestes horários (Lucas 1.9-10,21: Salmo 135.2).

C. **Confiavam em si**: A atitude comum daqueles que fazem o bem e é uma atitude fatal (Ezequiel 33.13). Os judeus tinham tal costume, especialmente os fariseus (Mateus 6.1; 23.25-28; Lucas 10.29; 16.15; Romanos 2.19; 10.3). Havia muito fingimento (Lucas 20.20). Devemos confiar em Deus. Aquele que confia em si, está tornando-se o objeto de sua própria fé, e logo vai desprezar a todos e inclusive, desprezar a Deus!

D. **Fariseu**: Membro de uma das seitas mais rígidas do judaísmo em termos de observância de uma tradição legalista baseada no Velho Testamento. Eram reconhecidos como "santarrões" (Filipenses 3.5: Atos 26.5).

E. **Publicano**: Coletor de impostos. Geralmente desonesto, e considerado como um traidor da pátria. Seria considerado como um "lixo social".

F. **Posto em pé**: Posição comum para oração (Mt 6.5; 1Tm 2.8; Mc 11.25).

G. **Jejum**: Os judeus só eram obrigados pela lei a jejuarem uma vez por ano (no dia da expiação), mas este jejuava duas vezes por semana (provavelmente

nas segundas e quintas). **Dízimo**: Devia ser retirado apenas de alguns itens principais da colheita, mas este fariseu, como outros (Mateus 23.23-24), fazia questão de ir além do que a lei pedia e dava o dízimo de tudo. (Jejum - Mateus 9.14-17; Dízimos - Dt 14.22-23; Nm 18.21).

H. **Longe**: em relação ao grupo principal de adoradores. O publicano entendia que era indigno de estar ali. (Ele foi buscar "o último assento" - Lc 14.7-11).

I. **Não levantava os olhos ao céu**: O contraste é Jesus (Jo 11.41 e 17.1). Nesta postura o publicano reconhecia sua indignidade e pecado diante de Deus.

J. **Batia no peito**: Sinal de extrema tristeza (Lc 23.48). No Oriente, este gesto raramente seria realizado por homens. O gesto é mais comum entre mulheres. Só homens em grande desespero tomariam tal postura, querendo afligir seu "coração" como fonte de pecado.

K. Confissão e perdão: (Lucas 5.8; Salmo 51).

L. **"Sê propício"**: Podia ser "faz uma expiação por mim". Propiciação é ligado com o sacrifício pelo pecado (Hebreus 2.17; 1João 2.2; 4.10; Rm 3.23; Hb 9.5). Ele estava orando pelo perdão através da bondade de Deus em aceitar sacrifício retributivo providenciado pelo próprio Deus.

M. **Justificado**: Perdoado e considerado justo por Deus; participante da aliança fiel de Deus.

III. Observações:

A. Não podemos confiar demais em nós mesmos ou acabamos achando que: 1. Somos justos; 2. Os outros não valem nada.

B. Obediência a coisas boas só é realmente boa se feita com humildade e pelo motivo correto, ou seja, agradar a Deus e não a nós mesmos.

C. Um orgulhoso não pode orar: 1. Porque Deus não ouve; 2. Porque ele não vai realmente orar.

D. Se desprezamos os outros não podemos orar. Oração só é possível com um relacionamento correto com o próximo.

E. Orar é pensar em Deus e não em nós e nem nos outros (em termos de comparar e tirar vantagens).

F. A salvação não é por obras, mas pelo perdão que vem de:

1. Reconhecimento de nosso pecado;
2. Arrependimento;
3. Entrega e confiança daquela situação a Deus que nos perdoa pelo sacrifício de Cristo.

G. Humildade precede a honra: (Mateus 23.12; Lucas 14.7-11; Tiago 4.6,10; 1Pedro 5.5,6; Provérbios 3.34; o exemplo de Cristo - Filipenses 2.5-11)

Lição 15 - A Parábola das Dez Virgens
Mt 25.1-13

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz? (vs 1-12)

1. Qual o teor geral da parábola?
2. Por que 5 moças são chamadas de néscias (tolas) e as outras 5 são chamadas de prudentes?
3. Qual a participação que estas moças tem na cerimônia de casamento?
4. Em que horas o noivo chegou?
5. Por que as sábias não emprestaram seu azeite?
6. O que aconteceu com as 5 moças néscias?

B. O que o texto significa? (vs 1-13)

1. Qual é o assunto geral do ensino da parábola?
2. Que tipo de pessoas do mundo real são ilustradas pelas virgens néscias? E que grupo é representado pelas sábias?
3. A vinda do noivo é comparável a que evento do Reino de Deus?
4. Qual a advertência da parábola?

C. O que o texto significa para mim?

1. Qual a lição deste texto para nós?
2. Como podemos estar prontos para o retorno de Cristo?
3. Como alguém pode ficar despreparado para o retorno do Senhor?

II. Informações Úteis:

A. Casamento em aldeias da Palestina no Primeiro Século: o casamento era realizado em três etapas: 1 - compromisso, 2 - noivado, 3 - casamento. Estamos, nesta parábola, observando o dia da realização da terceira etapa. O noivo, acompanhado pelos amigos vai buscar a noiva na casa do pai dela. Neste momento, uma multidão de pessoas com luzes e tochas se reúne a ele e, passando pelo trajeto mais comprido, retornam (noivo e noiva) para a casa do pai do noivo. Este evento geralmente ocorre noite. A melhor coisa que o noivo podia fazer era surpreender as pessoas que iam participar do cortejo no momento em que estivessem dormindo. Para sair na rua, e ser admitido na festa, era necessário ter uma tocha ou lanterna. A festa do casamento começava e durava até uma semana. Havia luzes, música e muita alegria.

B. **Lâmpadas**: alguns dizem que não seriam as lâmpadas de barro (Mc 4.21) nem lanternas (Jo 18.3), mas tochas ou fachos de luz (estopa embebida em azeite na ponta de um pedaço de pano). O facho só ficava ardendo por 15 minutos, então precisava de mais azeite.

C. **Dez virgens**: não são noivas, mas as "damas de honra" da noiva e do casal.

D. **Dormir**: não havia nada errado em tirar uma soneca.

E. **Sair ao encontro**: para formar a procissão do casamento.

F. **Ir aos que vendem**: naquela hora da noite isto seria uma grande impossibilidade.

G. **Fechou-se a porta**: uma vez começada a festa, a porta era fechada e não haveria mais intromissões.

H. **Não vos conheço**: expressão rabínica de repúdio e rejeição (Lc 13.25-27; Mt 7.21-23).
I. **Vigiar**: é estar pronto como as cinco sábias.

III. Observações:

A. Lições Importantes:

1. Cristo virá inesperadamente.
2. Devemos estar prontos para a sua vinda a qualquer momento.
3. Não podemos nos preparar para receber Cristo na última hora.
4. A preparação ou falta de preparo revela nosso caráter. Preparação indica sabedoria, despreparo revela "burrice".
5. Há coisas que não se pode pedir emprestado. Nosso relacionamento com Cristo tem que ser pessoal.
6. Chegar atrasado pode ser fatal se o encontro é com Cristo.

B. A lição mais importante é a de estar pronto para a volta de Cristo que pode realizar-se a qualquer momento.
C. Vigilância é uma das grandes características do cristão (Mt 24.42; Mc 13.33-37; Lc 12.35-37). É um mandamento (At 20.31; Cl 4.2; 1Tm 5.6; 1Pe 5.8; Ap 16.15).

Lição 16 - A Parábola do Administrador Infiel
Lc 16.1-13

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz? (vs 1-8)

1. Qual o problema que o proprietário de terras tinha com seu administrador? Qual sua atitude?
2. Com o que se preocupa o administrador pelo fato de ser demitido?
3. Qual o plano de ação do administrador desonesto?
4. Por que o proprietário no v. 8 elogia o homem desonesto?

B. O que o texto significa? (vs 1-13)

1. Qual a lição que aparece no v. 9? Como ela se relaciona com a parábola e com os ouvintes?
2. Qual a lição dos vs. 10-12? Como ela se relaciona com a parábola e os ouvintes?
3. Qual a lição do v. 13?

C. O que o texto significa para mim?

1. Em que sentido devemos imitar o administrador infiel? Em que sentido não devemos imitá-lo?
2. Como fazer amigos para a eternidade? (v. 9)
3. Como ser fiéis aqui na terra? (vs 10-12)
4. Quem deve ser o nosso único Senhor?

II. Informações Úteis:

A. Parábola difícil: esta é uma das parábolas mais difíceis de entender devido ao elogio do v. 8. Alguns pensam que ele elogia a desonestidade. Outros podem pensar que podemos ganhar o céu por dinheiro. Alguns ainda pensam que ele ensina que os fins justificam os meios, ou seja, se eu roubar para dar a Deus ou ao próximo não há problemas.

B. **Homem rico**: provavelmente um proprietário de terras (latifundiário). Parece um homem honrado, já que em todo o texto ele é tratado como homem bom.

C. **Administrador**: um empregado (não um escravo) que cuidava dos bens e das terras do seu patrão. Um gerente geral. Mordomo.

D. **Foi denunciado**: alguém fofocou e falou a verdade sobre o administrador. Ele foi demitido. O dono só quer que ele apresente agora um relatório e toda a documentação dos negócios em andamento etc. O administrador é mesmo malandro.

E. Versículos 3-4: ele está pensando no futuro. Ele quer vida mansa.

F. O plano do administrador: ele rapidamente chama os devedores do seu patrão e dá descontos a todos. Pede que cada um deles escreva uma nova nota de dívida e assim a fraude nunca será descoberta. As pessoas que recebem os descontos ficam extremamente gratas ao administrador, pensando nele como se fosse um herói. O administrador está roubando o patrão com estes descontos, mas o patrão dificilmente poderá pegá-lo, pois a falsificação foi feita com a letra dos devedores.

G. Quantidades: uma redução padrão de aproximadamente 500 denários para cada um. **Cem cados** é igual a 3.650 litros de azeite (produto de 146

oliveiras). **Cem coros** de trigo são 36.440 quilos de tribo (produto de 42 hectares de trigo). Cem cados de azeite custavam 1.000 denários e cem coros de trigo 2.500 denários.

H. **Elogio**: não por ser desonesto, mas por ser esperto. Não se justifica a sua iniqüidade, mas sua malandragem e astúcia não deixam de ser admiráveis.

I. **Riquezas de origem iníqua**: as coisas do mundo, na sua melhor expressão, são imundas, comparadas às eternas.

J. **Amigos**: É um modo de falar de Deus, falando dos anjos ou da congregação celestial dos salvos. É uma circunlocução que se refere a Deus.

K. Versículos 10-12: vivendo e usando bem o que temos para recebermos mais de Deus.

L. **Servir dois senhores**: situação verdadeira para um servo cujo senhor morreu, deixando-o de herança para dois filhos. Porém este servo vai acabar sendo servo de um só dos herdeiros. Não dá para servir os dois.

III. Observações:

A. Os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz: é uma chamada. É uma reprovação para nós, os filhos da luz. A reprovação vem do fato de que os maus fazem tudo de mau que está ao seu alcance para atingir seus propósitos egoístas, ao passo que os bons (cristãos) não fazem o que é bom com a mesma vontade e determinação para atingir os propósitos de Deus.

B. Lições importantes da parábola:

1. Pensar no futuro: o administrador pensou em seu sustento depois de perder o emprego. Nós devemos pensar em ir para o céu depois desta vida.
2. Agir atinada e decididamente diante da catástrofe iminente: isto o administrador fez. Nós não devemos perder tempo. Vamos usar tudo o que temos para Deus.
3. O relacionamento entre esta vida e a próxima (vs 10-12). Nossa vida agora é um teste e um exercício para o porvir. É aqui que devemos tomar decisões de fidelidade que vão nos dar condições de ser mais fiéis ainda, no céu.
4. Apelo ao desprendimento e senso espiritual. As riquezas da terra acabam, mas se com elas obtivermos tabernáculos eternos, isto nunca vai acabar. Use sua vida material e finita para obter aquilo que é espiritual e infinito. Conduza pessoas a Cristo, cresça em amor para Deus, use seu dinheiro na causa do Mestre. Estas coisas eternas é que vão ao céu.
5. Decida servir a Deus (v. 13): a indecisão entre os dois senhores condena. Seja decidido como o administrador. Porém, não seja desonesto, mas seja dedicado a Deus.

Lição 17 - A Parábola do Samaritano
Lc 10.25-39

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz? (vs 30-35)

1. Qual o teor da parábola em poucas palavras?
2. O que fizeram os ladrões? Por quê?
3. Que fizeram o sacerdote e o levita? Por quê?
4. Que era um samaritano? Como se esperava que ele procedesse?
5. O que fez o samaritano? Por quê?

B. O que o texto significa? (vs 25-37)

1. Por que Jesus contou esta parábola? Para quem?
2. Que versículo bíblico ela ilustra?
3. Qual a aplicação que Jesus fez? (36-37)

C. O que o texto significa para mim?

1. O que a parábola ensina sobre o amor?
2. Quem é o nosso próximo?
3. Quais devem ser os nossos motivos para ajudar alguém?

II. Informações Úteis:

A. **Intérprete da Lei**: um estudioso da lei judaica (os cinco livros de Moisés) e do Velho Testamento em geral. Um jurista, legista ou advogado dos judeus, que se ocupava de questões da Lei de Moisés.

B. **Por Jesus em provas**: várias vezes, os homens quiseram encontrar nas palavras de Jesus algo que o condenasse. (Mt 22.15; Jo 8.6)

C. Jesus volta a questão ao advogado: Nada mais lógico do que ele responder, Jesus, ao invés de ser testado, passa a testar.

D. A resposta: Dt 6.5 e Lv 19.18. Jesus diz: "Então é hora de começar a praticar".

E. **Querendo justificar-se**: o homem achava-se meio "bobo". Ficou evidente que ele sabia o que fazer. Ficou aparente sua intenção errada e também seu erro em não cumprir os mandamentos. Ao invés de julgar Jesus, ele acabou sendo julgado e corrigido. Mas ele queria estar certo, mesmo em sua condição errada perguntando: Quem é o meu próximo? A parábola vai responder esta questão.

F. **Certo homem**: um viajante foi assaltado, espancado e largado caído na estrada.

G. **A estrada de Jerusalém a Jerico** era muito acidentada e sinuosa, com curvas e desfiladeiros entre rochas e morros. Era o local ideal para bandoleiros e assaltantes. A estrada descia, já que Jerusalém está a 750 metros acima do nível do mar e Jericó a 400 metros abaixo do nível do mar. Uma descida de 1150 metros em menos de 30 km de distância.

H. **Sacerdote**: era um dos homens encarregados de executar o culto a Deus no templo. Era um homem religioso, que supostamente deveria ajudar as pessoas. Mas ele se afasta do homem. Talvez com medo de tocar um cadáver (Lv 21.1-2), talvez por ter medo do retorno dos ladrões, talvez por puro egoísmo.

I. **Levita**: era um outro homem religioso, encarregado de ajudar os sacerdotes e o povo. Também passou longe para evitar ter que ajudar.
J. **Samaritano**: esperava-se um israelita leigo, ou numa ironia mais ácida, esperava-se um "intérprete da lei"! Mas o samaritano seria para os judeus o vilão da estória. Os judeus adiavam os samaritanos e vice-versa (Jo 4.9). A origem dos samaritanos relata-se em 2Rs 17.24-41. Eram mestiços. Também não eram tão observadores do judaísmo. Aceitavam só os 5 primeiros livros do Velho Testamento. Havia entre eles e os judeus uma história de guerras e ódio.
K. **Passar perto**: não desviou como os outros.
L. **Óleo e vinho**: vinho para desinfetar e óleo para aliviar a dor e isolar o ambiente. Remédios comuns na Antigüidade, mencionados na ordem inversa de aplicação.
M. **Colocou-o sobre o seu animal**: o samaritano andou a pé. O homem não podia andar.
N. **Hospedaria**: O samaritano alojou o homem, cuidou mais ainda dele e depois partiu.
O. **Dois denários**: pelo preço das hospedarias da época, era o preço para a diária com refeição para 20 a 60 dias. O samaritano ainda ia voltar para pagar qualquer outra despesa.
P. **Quem foi o próximo?** Esta é a pergunta certa. A lição é a de imitar o samaritano.

III. Observações:

A. Uma alegoria baseada nesta parábola revela três filosofias (modos) de vida:
1. Ladrões: "O que é teu é meu: vou roubá-lo".
2. Sacerdote e Levitas: "O que é meu é só meu: vou guardá-lo".
3. Samaritano: "O que é meu é teu: vamos repartir".

B. A lição é evidente. Não devemos perguntar sobre quem é o nosso próximo. Devemos perguntar se estamos sendo o próximo para as outras pessoas.
C. A parábola desmascara qualquer pretenso amor a Deus, do tipo do sacerdote e do levita, que impede o amor ao próximo. O homem que mais amou a Deus na parábola era o samaritano, que cuidou daquele desconhecido, sem perguntar qual era a sua nacionalidade, classe social etc.

Lição 18 - A Parábola das Minas
Lc 19.11-27

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz?

1. Quantos servos tinha o senhor da parábola?
2. Qual o empreendimento maior que tira este senhor de sua terra e de sua propriedade para levá-lo para longe?
3. Qual a reação dos seus compatriotas?
4. Quantas "minas" ele deu a cada um? O que é uma "mina"?
5. Em que condição este proprietário voltou para sua terra?
6. O que ele fez com os servos que fizeram uma boa administração? Como ele os recompensou?
7. O que ocorreu com o servo que não quis administrar os bens do senhor? Como foi tratado?
8. O que ocorreu com os compatriotas revoltados contra este homem?

B. O que o texto significa?

1. Conforme verso 11, qual o motivo de Jesus para contar esta parábola?
2. Que tipo de esperança alimentava a multidão pela proximidade de Jesus a Jerusalém?
3. Como a parábola é um paralelo com a ida de Jesus aos céus para receber o reino de Deus?
4. Como as lições da parábola se aplicam à igreja e aos cristãos de hoje?

C. O que o texto significa para mim?

1. Como as lições da parábola se aplicam à igreja e aos cristãos de hoje?
2. Qual a ameaça que a parábola faz aos que não seguem Jesus?

II. Informações Úteis:

A. Paralelos históricos da parábola:

A história desta parábola lembrava aos judeus um fato histórico que tinha ocorrido no ano 4 a.C., quando Arquelau teve que viajar até Roma para obter apoio de César Augusto e tornar-se rei da Judéia, após a morte de seu pai Herodes, o Grande. Os judeus o odiavam e mandaram uma representação ao imperador César Augusto, para que Arquelau não fosse feito rei da Judéia. Apesar disto, César decidiu deixar Arquelau ser rei, se ele provasse seu valor como administrador. Logo que Arquelau voltou de viagem, puniu com muito rigor e violência a todos os seus inimigos e revoltosos contra seu poder.

B. Proximidade de Jerusalém:

A subida a Jerusalém era encarada, pelos entusiastas do judaísmo, como uma marcha para retomar a cidade Santa das mãos dos romanos. Jesus não aprovava tais esperanças políticas para sua atuação.

C. **Certo homem nobre** descreve alguém da aristocracia do mundo antigo que recebia favores dos aristocratas maiores de Roma. A família de Herodes tinha este costume de ir a Roma para serem "coroados".

D. **Partiu para uma terra distante com o fim de tomar posse de um reino e voltar.** A terra distante é Roma, pois qualquer um que pretendesse ser rei em seu próprio país, precisaria obter patronato dos grandes de Roma, sobretudo do Imperador e de vários senadores. Para nós parece estranho

alguém ter que ir a outra terra para vir a reinar em sua própria pátria, mas em tempos de dominação estrangeira, era assim que funcionava a distribuição de reinos e principados.

E. **Dez servos... dez minas.** Uma mina valia cerca de meio quilo de prata, ou seja, era o valor de aproximadamente 3 meses de um trabalhador braçal [1 mina = 100 dracmas ou denários]. Dez servos, mostra que o senhor era alguém de boas condições financeiras.

F. **Negociai até que eu volte**. Ou seja, era para cada um usar os dons recebidos em benefício do patrão. Ou seja, para os seguidores de Jesus, o reino não está no "já", mas no retorno do rei, no "depois".

G. O ódio dos concidadãos ocorreu literalmente contra um dos filhos de Herodes, chamado Arquelau, e também com vários outros da família.

H. **Quando ele voltou...** evoca a volta de Jesus e transfere o momento do juízo para o fim dos tempos e não para o já-e-aqui das expectativas populares.

I. **Primeiro... segundo... outro...** Somente três dos servos são analisados, mas isto é apenas para dar concisão à parábola. Pela análise destes três, podemos imaginar como foram julgados todos os servos.

J. **Minas e cidades**: a quantidade de lucro e esforço determinou a quantidade de novos privilégios e responsabilidades. Assim, o tempo de ausência do senhor serviu de tempo de teste da fidelidade e do empenho de cada um dos servos. As recompensas são diferenciadas, conforme a fidelidade e o empenho. As recompensas eram muito maiores do que as quantias confiadas a eles, afinal, uma mina não é quase nada, comparada com uma cidade!

K. **Embrulhada num lenço**. Vários erros podem ser vistos nesta atitude: (i) em primeiro lugar, ele não tentou nada, não trabalhou e nem se arriscou – na verdade, desobedeceu a ordem de seu senhor; (ii) em segundo lugar, ele nem teve o cuidado de tentar ganhar juros junto aos banqueiros da época – ele não queria fazer nada; (iii) em terceiro lugar, ele nem guardou bem a mina, pois teria sido mais seguro ter enterrado as moedas por todo este tempo, para que não fosse roubada com facilidade [esta última ação não o inocentaria dos dois primeiros erros, mas revela seu grande desleixo].

L. **És homem rigoroso; tiras o que não puseste e ceifas o que não semeaste**. Para justificar-se, o servo culpa seu senhor. Acusa-o de ser ladrão, ou seja, de querer o que não é dele ou que não é possível obter. Na verdade, seu senhor tinha "semeado" uma mina nas mãos deste servo!

M. **Servo mau**. Diferente do que foi dito no verso 17.

N. **Por tua própria boca te condenarei**. O rei era um homem justo e poderia condenar o servo com base em sua própria palavra e poder, mas para mostrar sua justiça, revela o caráter mentiroso e inconsistente do servo. (i) Por que não usou o banco para obter algum juro? Talvez só isto já bastasse para o senhor. (ii) se achava que o senhor era tão malvado e injusto, por que não tomou os cuidados necessários para não cair debaixo da ira dele? Na verdade, ele não acreditava no rigor e poder do senhor. Falou para desculpar-se, mas sabia que aquilo era uma mentira.

O. **Dai-a ao que tem dez**. O servo mau perde tudo e o servo que se mostrou fiel recebe mais ainda. Não se trata de uma decisão injusta, mas da

constatação da realidade que fidelidade e disposição multiplicam as oportunidades de serviço.

P. O verso 26 é um famoso provérbio de Jesus.

Q. **Os inimigos**. A questão dos inimigos poderia ser deixada de lado, mas Jesus não o fez. Sua parábola faz questão de afirmar que os que hoje são tolerados em sua oposição a Jesus, um dia receberão as conseqüências devastadoras de sua rebeldia: condenação. Jesus não ia condenar seus inimigos agora mas, um dia, a condenação deles será certa.

III. Observações:

A. Paralelos históricos e o sentido da parábola.

Jesus, ao contar esta parábola, não estava se comparando com este mau rei, chamado Arquelau, mas estava mostrando que coisas como estas aconteciam: um homem viajar até um reino distante para ser estabelecido como rei no seu próprio país.

Assim, a história da parábola ilustra que Jesus, iria aos céus e lá seria coroado (Atos 2.33-36) e, quando voltasse, iria verificar como seus servos administraram as coisas que ele deixou em suas mãos. Naquele mesmo dia da sua volta, ele vai punir os rebeldes e desobedientes que viveram contra sua vontade soberana.

B. Jesus está voltando. Administre bem o que ele deixou em suas mãos!

1. Teremos que dar contas a Cristo de como usamos nossas vidas – tempo, talentos, tesouros.

> Na parábola, o senhor volta para ver como cada servo usou o que foi confiado. Hoje em dia, engana-se quem pensa que pode fazer o que quer com sua vida. Jesus é o rei! Ele está voltando. Assim, se não usarmos o que ele nos confiou de forma a agradá-lo, seremos culpados diante dele

2. Não podemos guardar o tempo, dinheiro e capacidades: temos que usá-lo como Jesus quer.

> Na parábola, o servo repreendido pelo senhor foi aquele que guardou a "mina" embrulhada em um lenço. Na época, este era um grande descaso. Ele devia ter colocado o dinheiro para render juros. Guardar embrulhado em um lenço era um jeito muito fácil de perder o material. Mais seguro seria enterrar a prata, embora isto ainda fosse errado por não aplicar o dinheiro. Temos que usar nossa vida do jeito que Jesus quer. O tempo corre, os recursos se esgotam, as oportunidades passam. Ou o utilizamos ou o perdemos. Se deixarmos de pensar no uso correto do que temos recebido de Jesus, talvez estejamos "embrulhando em um lenço" o que ele nos deu para usar para ele.

3. O uso dos nossos dons, talentos, capacidades, tempo e recursos mostra nossa qualidade diante de Deus.

> Na parábola, os servos que fizeram render melhor suas minas, receberem mais autoridade e mais bens (cidades inteiras!) para administrar. O senhor havia deixado as minas como um teste de capacidade para seus futuros auxiliares administrativos em seu reino. Assim também, se nós utilizarmos bem o que temos, Jesus entenderá isto como um teste de nossa fidelidade e habilidade em prol da obra

dele. Ele irá dar-nos mais condições de servi-lo agora e um maior galardão depois.

4. Quem não usa, perde!

O servo negligente perdeu a "mina" que estava em seu poder. Não era muito, mas ele ficou sem nada. Se não sabe administrar, para que deixar algo com ele? Em nossa vida espiritual, a "lei do uso de desuso" é verdadeira. Se alguém não usa o tempo para Deus, por que razão deveria tem tempo para viver e para ficar neste mundo, supostamente servindo a Deus? Certamente, Deus dá tempo ao pecador para que se arrependa, mas como justificar a vida de um discípulo de Cristo que já sabe que deveria usar seu tempo, talentos e tesouros para Deus e não o faz?

C. Comparação da parábola dos talentos e a parábola das minas.

Há duas parábolas de Jesus, muito parecidas que tratam quase da mesma questão: servos administrando os bens de seu senhor que se ausentou em viagem. Veja apenas algumas diferenças e semelhanças ao compararmos as duas parábolas:

<table>
<tr><th>PARÁBOLA DAS MINAS</th><th>PARÁBOLA DOS TALENTOS</th></tr>
<tr><td>Lucas 19.11-27</td><td>Mateus 25.14-30</td></tr>
<tr><td>Dez servos</td><td>Três servos</td></tr>
<tr><td>Todos recebem a mesma quantia ou o mesmo valor: uma "mina" cada um.</td><td>Cada um recebe uma diferente quantidade de "talentos" de prata, conforme sua capacidade.</td></tr>
<tr><td>Uma mina vale 100 denários</td><td>Um talento vale 6000 denários</td></tr>
<tr><td colspan="2">Nos dois casos, os servos deveriam administrar o que era de seu senhor e prestar contas a ele no seu retorno.</td></tr>
<tr><td>Cada servo é recompensado diferentemente, conforme sua "produtividade"</td><td>Todos os servos recebem a mesma recompensa, apesar dos diferentes resultados</td></tr>
<tr><td colspan="2">Nos dois casos, os servos negligentes perderam o que lhes foi confiado para o servo mais esforçado e eficiente.</td></tr>
<tr><td></td><td>O servo inútil recebe uma condenação explícita ao Inferno.</td></tr>
<tr><td>Os inimigos do rei são sumariamente julgados e executados perante o rei.</td><td></td></tr>
</table>

Uma lição interessante que pode ser aprendida da comparação destas duas parábolas é: tanto faz se recebemos dons e capacidades diferentes ou iguais de nosso Senhor – ele sempre vai exigir fidelidade e esforço. Há coisas que

todos os homens têm recebido de Deus na mesma "quantidade" – temos que ser fiéis no uso disto. Há coisas que recebemos diferentes "quantidades" de Deus – temos que ser fiéis nestas também.

Lição 19 - A Parábola do rico e Lázaro
Lc 16.19-31

I. Questões para a classe:

A. O que o texto diz?

1. Qual o teor geral desta história?
2. Quantos e quais são os dois personagens principais da história? Quais as diferenças entre eles?
3. Quais as diferenças mencionadas e não mencionadas na morte destes dois homens?
4. Onde está o rico? Onde está Lázaro? Quem é Abraão?
5. Qual o primeiro pedido do rico? Por que ele não é atendido?
6. Qual o segundo pedido do rico? Por que ele não é atendido?
7. Pelo teor geral da parábola, qual a razão da condenação do rico e da salvação de Lázaro?

B. O que o texto significa?

1. Por que Jesus contou esta parábola? Qual o conceito dos fariseus sobre a riqueza?
2. Qual o ponto mais alto da parábola? Qual a lição principal?
3. O que o texto ensina sobre a graça de Deus?

C. O que o texto significa para mim?

1. Qual nossa expectativa após a morte?
2. Qual é o meio de ter certeza de salvação após a morte?

II. Informações Úteis:

A. Havia certo homem rico... havia também certo mendigo. A desigualdade marcou a vida destes dois homens. O primeiro era rico como um rei. O segundo, miserável como um rato de esgoto. O primeiro **regalava-se** sem prestar atenção em Deus (o abençoador) e no próximo (Lázaro) (Tiago 5.5 e Lucas 12.9 – exemplos paralelos). O segundo **não tinha nada** para o mais simples conforto, proteção, nem mesmo subsistência.

B. **Chamado Lázaro.** Só o segundo personagem desta parábola recebe nome. Porque recebe um nome? Muitos pensam que uma parábola não deveria usar nomes. O fato, contudo, é que o nome deste homem, Lázaro, vem do hebraico, Eleazar, que significa: "Deus é ajudador" ou "Deus socorreu". O nome dele designa o seu caráter, o que ocorre com ele: Deus socorreu e ajudou este homem. É por isto que ele tem nome, para que entendamos que ele foi salvo pela graça e misericórdia de Deus, e não apenas por ser pobre. Na Bíblia, a salvação é sempre pela graça e nunca pela "desgraça". Uma outra razão para dar nome ao mendigo e não dar nome ao rico é uma deliberada "ironia" da justiça divina. Normalmente, lembramos do nome dos ricos, mas os pobres não tem nome. Nesta parábola, o rico não tem nome e o pobre é conhecido pelo nome.

C. **Os cães** eram semi-selvagens e estavam prontos para devorar o homem desgraçado (2Reis 9.35-36). Eles lambiam o homem para "testar" seus reflexos. O dia que ele não os enxotasse mais, por estar morto, eles o comeriam! Há quem pense que a lambida dos cães tinha efeito terpêutico, mas

não parece que a menção dos cães represente qualquer cuidado para com o homem, mas sim seu desamparo completo.
D. **A morte**: não faz distinção – ricos e pobres têm que enfrentá-la.
E. **Lázaro morreu** e, o fato do texto não mencionar seu sepultamento, faz supor que: ou ele não teria sido sepultado (os cachorros, finalmente, deram cabo de seu cadáver), ou foi jogado em algum buraco (ou vala comum) sem qualquer cuidado. Porém, do lado divino, os anjos (Hebreus 1.14) cuidaram da alma de Lázaro. F. **O rico foi sepultado**. Recebeu grandes cuidados com seu cadáver: foi sepultado com pompa, luxo e, certamente, com uma grande multidão de herdeiros interessados. Porém, o silêncio sobre a recepção de cuidados angélicos mostra que, no Além, ele é que não recebe cuidado nenhum.
G. **No inferno**. Ambos estão neste lugar, mas que seria mais bem traduzido por **Além** ou **mundo dos mortos**; é o chamado HADES. As versões mais modernas como a NVI, usam o termo Hades. Apesar de algumas versões usarem a palavra "inferno", neste texto, os dois homens não estão no chamado "inferno eterno", pois este é descrito com outra palavra bíblica, a palavra GEENNA (que ocorre por exemplo em Mc 9.43-48).
H. Um está em **tormento**, outro em **descanso**. O lugar de descanso é chamado **Paraíso** (Lucas 23.43) o lugar de tormento é chamado **Tártaro** (2 Pedro 3.4 – se for correto ligar este nome a este lugar, pois também é possível que o Tártaro sirva apenas para anjos).
I. **No seio de Abraão** A expressão "seio de Abraão" designa comunhão (Rute 4.16; João 1.18) e especialmente o lugar de honra no banquete da salvação (João 13.23). Não é o nome do lugar, mas é uma forma de dizer que Lázaro estava na festa, reclinado, ao lado direito de Abraão, ou seja, no seio de Abraão (Lembre-se que, na Antigüidade, ao reclinar-se em divãs, para uma refeição, quem estava reclinado à direita de alguém, estava no seio, ou seja, na altura do tórax, desta outra pessoa).
J. **Manda Lázaro...** O rico ainda pensa que pode dar ordens. Pede a Abraão que mande Lázaro fazer-lhe um favor. O pedido de misericórdia foi feito tarde demais. Abraão mostra que a situação não será alterada por dois motivos: 1. Ela é resultado da atuação de ambos na vida terrestre; 2. A situação no Além é imutável (o abismo é o símbolo da intransponibilidade).
K. **Mandes a minha casa paterna**. Uma nova ordem. O rico ainda só pensa em si. Pensa em avisar os seus familiares.
L. **Moisés e os Profetas**. A Bíblia dos judeus. A Bíblia é aviso suficiente. Quando alguém não presta atenção às Escrituras, não presta atenção a um morto ressurreto (Exemplo: João 11.45-53).

III. Observações:

A. Parábola ou história real?

- "O Rico e Lázaro" é uma história ou uma parábola? Desde que Jesus não usou lendas ou fábulas para ensinar, temos diante de nós **uma história real** (da qual Jesus tinha conhecimento devido a sua capacidade espiritual de revelação) ou **uma parábola** (que é o uso de uma verdade conhecida para ensinar uma verdade espiritual).

- Qualquer que seja a escolha, o resultado é o mesmo. Se for uma história real, então o quadro revela como é a vida no Além. Se for uma parábola, ele confirmaria a veracidade e a existência de um lugar como o descrito por Jesus, onde ficam os mortos – a lição da parábola seria: use bem suas riquezas neste mundo e/ou respeite a Escritura.
- A linguagem simbólica do relato não deve nos fazer pensar que o local aqui descrito é imaginário. Tal linguagem se explica pela necessidade de falar do mundo espiritual para pessoas de nosso mundo material.
- Para nós, o texto deve ser entendido como parábola. Está num contexto de parábolas e tem o tipo de construção que elas possuem. Há quem faça a objeção: "Mas parábolas não usam nomes!" A resposta para isto é: usam sim, este é um exemplo. A questão é: Onde está a frase ou princípio bíblico que proíbe o uso de nomes em uma parábola?

B. O contexto da parábola.

- O contexto é o do Jesus, justificando sua aceitação dos pecadores (Lucas 15.1-2) com duas parábolas que mostram o amor de Deus pelos pecadores (Lc 15.3-10) ao mesmo tempo em que, numa última parábola, convida os fariseus e escribas a participarem de sua alegria de ver seus filhos voltando para casa. Na verdade, ele convida os fariseus e escribas para que voltem para casa também (Lc 15.11-32).
- Ao final, num último esforço, contou a parábola do administrador infiel, que fez de tudo para ter um bom futuro (Lc 16.1-13). A recomendação de Jesus era: use tudo o que tem e o que é para ter um futuro eterno com Deus. Era o que os publicanos e pecadores estavam fazendo: arriscando tudo na salvação que Jesus oferecia. Era o que os fariseus e escribas deviam fazer.
- Contudo, a avareza dos fariseus e escribas os impediu de ouvir o apelo de Jesus, pelo contrário, começaram a ridicularizar Jesus (Lc 16.14). Jesus, então, passa ao ataque a ao julgamento: eles se achavam justos, mas não eram (Lc 16.15). A lei, que eles tanto prezavam, convidava a entrar no Reino, que estava sendo anunciado desde João, mas eles não obedeciam a lei, e Jesus cita o exemplo do divórcio para mostrar que eles não obedeciam a lei (Lc 16.16-18).
- Enfim, o contexto da parábola é este: Jesus ensina o perdão de Deus e o esforço para entrar nele, mas os fariseus e escribas só pensam em dinheiro (Há algum paralelo com o mundo moderno?). Então Jesus vai contar a parábola do Rico e de Lázaro.

C. A estrutura da parábola.

- A estrutura da parábola ressalta duas lições fundamentais. A parábola tem duas partes. Assim como a parábola do chamado Filho Pródigo tem duas partes (15.11-24 – a volta do filho mais novo; e 15.25-32 – a recusa do filho mais velho), assim também esta parábola tem duas partes.
- Na primeira parte, Jesus mostra a famosa "inversão": os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros. O primeiro, o rico, tornar-se o último, ele é condenado. E o último neste mundo, o mendigo Lázaro,

tornou-se o primeiro no mundo dos mortos: está reclinado à direita do patriarca Abraão, ou seja, no lugar da mais alta honra.

- Na segunda parte, que contem a principal lição, o clímax é: tem que obedecer a Bíblia. Se não obedece a Bíblia, não tem jeito. Esta era a lição de Jesus para os fariseus e escribas, que valorizavam a riqueza e não obedeciam a Bíblia.

D. Lições da parábola sobre a vida além da morte.

1. Os mortos não podem interceder pelos vivos. Embora o rico tivesse pensado nisto, ele não pode fazer nada.
2. Os vivos não podem interceder pelos mortos. A situação deles é definitiva. O grande abismo impede qualquer mudança.
3. A vida além da morte é certa (Hebreus 9.27). Não há certeza maior que esta. Não sabemos por quanto tempo estaremos vivos, mas sabemos que há vida após a morte.
4. A vida além da morte é de dois tipos: descanso ou castigo. A Bíblia sempre falou de dois caminhos.
5. O "tipo de vida" que teremos depois da morte depende de nosso "tipo de vida" neste mundo.
6. A Bíblia é o livro para o qual devemos dar nossa atenção. É o único meio de não sermos condenados. Esta é a grande lição da parábola. Não são milagres que levam a crer, mas a Bíblia. Se não obedecer a Bíblia, irá para o lugar de tormentos.
7. Viva sabiamente hoje, pois não sabemos quando vamos morrer.
8. O conforto nesta vida não garante conforto no além. A parábola mostra que não adianta ficar seguro com conforto nesta vida: as coisas podem piorar no Além

Ensaio

As Parábolas de Mateus e a Evangelização[2]

Álvaro César Pestana

Durante muito tempo, meu principal uso das parábolas de Jesus foi feito em trabalhos de evangelização nos quais estudávamos parábolas em grupos compostos por cristãos e não-cristãos. Também preguei muitos sermões sobre as parábolas em campanhas de evangelização. Em muitos estudos pessoais com não-cristãos, comecei várias séries de estudo com a apresentação de algumas parábolas de Jesus. Portanto, neste sentido, é muito fácil, para mim, ligar parábolas com evangelização.

O alvo deste estudo de hoje é tríplice. Primeiramente, quero ajudar a irmandade a compreender a natureza e características das parábolas de Jesus. Em segundo lugar, gostaria de estudar algumas parábolas de Mateus que ajudarão a incorporar e vivenciar o ensino parabólico de Jesus. Finalmente desejaria apresentar uma proposta de aproveitamento do estudo realizado.

DEFINIÇAO DE PARÁBOLA

Toda definição é restritiva. Ela procura enclausurar uma idéia dentro de limites mais ou menos conhecidos. Precisamos definir "parábola" sem, contudo, cometer o erro de "estreitar" demais o seu significado por causa de nossa definição. A definição do que é uma parábola é necessária para que possamos interpretá-las corretamente. De fato, todos têm uma definição consciente ou inconsciente das parábolas. Nosso dever é o de avaliar se estas definições que usamos são verdadeiras e completas.

A definição clássica de parábolas, ainda muito usada por estudantes da Bíblia, vem do pensamento grego. Segundo esta definição, "parábola é uma justaposição, isto é, colocação de uma coisa ao lado de outra com a finalidade de comparação; indicação de pontos paralelos ou análogos.".

Outra formulação da mesma definição é uma definição etimológica das parábolas. Ela analisa a palavra "parábola", **PARABOLÉ**, definindo-a através da soma dos sentidos das palavras que a constituem: PARABOLÉ vem da preposição grega PARA, que significa "ao lado de", mais o verbo grego BALLO, que significa "eu jogo, coloco". Assim, parábola seria, literalmente, "jogar ao lado de, colocar ao lado de".

Usando estas definições, as parábolas são entendidas por muitos como simples ilustrações ou idéias coadjuavantes, usadas na exposição de uma outra idéia mais abstrata.

Contudo, apesar da popularidade desta definição e do seu uso em muitos compêndios religiosos, ela é uma definição é incompleta. Se for usada sem a devida correção, resultados falsos e decepcionantes serão obtidos na análise das parábolas de Jesus.

Embora a definição de parábola como "comparação" sirva para definir algumas parábolas, ela não leva em conta o fato que algumas parábolas esconderam ou ocultaram a verdade ao invés de ilustrá-la (veja a declaração de Jesus em Marcos 4.10-12). Além disto, há "coisas" chamadas de "parábolas" que não podem ser encaixadas nesta definição clássica de

[2] Este texto é a síntese de uma pregação de mesmo título apresentada no Encontro Nacional de Obreiros Cristãos, ENOC, em 1991.

"parábola como comparação" (Por exemplo, Lucas 4.23, a palavra provérbio nas versões em português, no original grego é idêntica à palavra PARABOLÉ). Há casos em que parábola não é ilustração, mas enigma (Mc 7.15, 17).

Uma definição bíblica das parábolas de Jesus tem que levar em consideração dois fatores. Em primeiro lugar, esta definição deve fazer justiça a tudo o que Jesus ensinou por meio de parábolas. A definição de parábola deve ser adequada para descrever o que Jesus e os Evangelhos chamam de parábolas. Desta forma, quando alguém quiser saber o que é parábola, bastará olhar para aquilo que, no ministério de Jesus, é assim designado. Qualquer definição proposta deve dar conta deste critério.

Em segundo lugar, uma boa definição deve basear-se nas tradições do Velho Testamento e na mentalidade semita de Jesus e da maior parte dos escritores do Novo Testamento. A cultura grega não pode ser a origem e base da definição. Jesus não foi o primeiro a contar parábolas – profetas como Natã (2Samuel 12.1-7) usam o método com maestria. A origem profética e veterotestamentária deste método de pregação deve nos ajudar a entender o uso que Jesus fez dele.

A palavra grega PARABOLÉ que ocorre em nossos evangelhos deve ter sido tradução do aramaico MATHLA, por sua vez é equivalente de MASHAL, no hebraico do Velho Testamento.

No Velho Testamento, MASHAL é usado para todo tipo de imagem, comparação, símile, etc. Ele pode ser traduzido como: "(1) similitude ou parábola (Ez 17.2; 24.3). (2) sentença, opinião, dito sentencioso, etc.". Observando o uso da palavra no Velho Testamento, percebe-se que sua abrangência é muito maior do termo grego PARABOLÉ.

Grosso modo, poderíamos dizer que MASHAL, e seu equivalente aramaico MATHLA, são usados para designar toda forma de comparação, metáfora, símile, enigma, provérbio, parábola, dito zombador e até mesmo formas alegorizadas de discurso parabólico.

Os gregos por sua vez, separariam todas estas formas de pensamento em diferentes categorias. Acima de tudo, porém, a diferença entre o uso do termo grego e dos termos semitas não está apenas na forma de dividir estas "imagens", mas na forma de expressar os pensamentos. Os gregos (como nós, os ocidentais), usam com mais vigor as formas abstratas de pensamento, lançando mão do concreto apenas para ilustrar o abstrato. Por outro lado, os hebreus (como muitos orientais) preferem usar coisas concretas e tangíveis para expressar os mesmos pensamentos. Eles trabalham com o concreto para atingir as mesmas abstrações que fazemos.

Na linguagem grega PARABOLÉ era uma das figuras de linguagem de retórica:

Imagem – EIKON	Metáfora – METAPHORA	Comparação – HOMOISIS
Parábola – PARABOLE	História ilustrativa - PARADEIGMA	Alegoria – ALLEGORIA

No linguajar hebreu, MASHAL/MATHLA abrange quase todas estas formas de expressão, e outras mais:

Metáfora, Comparação, Enigma, Provérbio, Oráculo, Poema, Dito Zombador, Parábola, Narrativa Simbólica, Etc

O uso do termo PARABOLÉ/MATHLA no Novo Testamento e, especialmente, em Jesus, fica em uma posição média entre o conceito grego e o hebraico, puxando um pouco mais para o conceito hebraico. Jesus como filho do judaísmo tinha óbvias raízes hebréias como também helênicas, visto que a Palestina (e o judaísmo) do tempo de Jesus estava intensamente helenizada. Poderíamos encontrar sob o nome de parábolas de Jesus os seguintes tipos de comparação:

Parábolas No Sentido Restrito (Parábola Grega), Parábola Profética, Parábola Simbolizante (Alegoria), *Ditos Parabólicos* *Provérbios* *Enignas* Narrativas Parabólicas
Metáforas E Símiles Similitudes

Sendo que o que chamamos de parábolas no Novo Testamento é algo muito mais amplo do que a chamada "parábola grega", não devemos nos aproximar dos textos evangélicos com a definição "clássica" das parábolas, que é inadequada.

A ORIGEM DAS PARÁBOLAS DE JESUS

Conforme já foi mencionado, a origem das parábolas de Jesus pode ser encontrada no Velho Testamento. A repreensão de Natã contra Davi (2Sm 12.1-6) é um dos "arquétipos" das parábolas de Jesus. Note como esta parábola não era apenas uma "comparação", mas, sobretudo, uma armadilha! Também as parábolas das duas águias e da videira em Ezequiel 17 devem ser consideradas como antigos modelos de parábolas. Jesus, herdeiro dos profetas, usou e aperfeiçoou o método de proferir parábolas usando todos os recursos e o depósito de imagens do Velho Testamento.

PARÁBOLAS E A HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO

A história da interpretação das parábolas passou por várias fases. A compreensão da parábola como "alegorias gregas" dominou a exegese das parábolas até o Século XIX. A definição clássica de parábola como comparação estimulava esta leitura alegorizante.

No Século XX os estudos corrigiram este erro, mas caminharam para outro extremo. Estudiosos passaram a afirmar que: (1) "uma parábola tem uma e só uma lição"; (2) "esta lição deve ser a mais geral e abrangente que for possível"; e que (3) "as parábolas deviam ser, sempre, facilmente entendidas pelos ouvintes originais".

Tudo isto também era um "resquício" do uso da definição grega da parábola como comparação onde se deveria encontrar o ponto único de comparação original e não uma comparação dos vários detalhes.

Tais restrições de sentido único e geral não têm base se aceitarmos as definições neotestamentárias das parábolas. Na definição das parábolas de Jesus, algumas parábolas terão uma lição central apenas, mas outras terão todo um detalhamento de sentido e significação – por exemplo, a parábola do Semeador tem significação em muitos detalhes. Além disto, as parábolas

ensinarão, não apenas pelo sentido geral da narrativa, mas também pelas idéias teológicas associadas aos elementos e símbolos usados na parábola – por exemplo, a parábola dos filhos perdidos (Lc 15) alude a muitas idéias teológicas fundamentais para o evangelho. Finalmente, as parábolas foram ensinadas, em muitas ocasiões, para ocultar a verdade dos não comprometidos com Jesus (Veja, por exemplo, as parábolas de Mateus 13).

Assim, uma definição de parábola que abranja vários subgêneros literários terá implicações positivas e importantes para a exegese.

Apesar de adotarmos uma definição ampla de "parábola", esta definição tem, necessariamente, seus limites.

A parábola neotestamentária não é fábula: não fala de fantasia ou personifica animais, plantas etc. Uma parábola é uma estória verossímil. Aquilo que é narrado ou observado poderia acontecer.

As parábolas de Jesus também não são eventos históricos. São estórias e não histórias. Poderiam acontecer, e em alguns casos até lembram situações históricas, mas não falam de nenhuma situação concreta. Acontecem, mas não se observa quando está acontecendo.

As parábolas do evangelho também não são alegorias. O verbo grego para "alegorizar" é ALLEGOREO, que quer dizer "falar de outro modo". Assim, numa alegoria, uma narrativa histórica ou fictícia é interpretada de modo a "dizer outra coisa". No Novo Testamento, temos uma alegoria em Gálatas 4.21-31. Neste raciocínio, a narrativa histórica sobre Sarai e Hagar, extraída do livro de Gênesis, é utilizada para "dizer outra coisa" além do sentido histórico e literal. Paulo alegoriza a narrativa de modo a descrever os verdadeiros crentes, de um lado, e os falsos mestres, de outro.

Há um limite muito difícil de definir entre os símbolos usados nas parábolas e uma possível alegorização dos mesmos. No caso das parábolas do semeador e do trigo e do joio, há quem afirme que as parábolas foram alegorizadas pela igreja. Contudo, ao observarmos que são parábolas semitas, onde há um alto grau de correspondência entre a parábola e a realidade, a interpretação exige o que chamaríamos de "uma alegorização".

Ao contrário das parábolas gregas, as parábolas bíblicas com seu alto grau de correspondência entre a parábola e a realidade convida a uma análise que não é alegorizante, mas que também não pode ser resolvida com a imposição de um único sentido à narrativa. Isto pode ser notado em Ez 17.

No momento, porém, basta dizer que as parábolas contêm símbolos que são facilmente comparados ou identificados com outras realidades. Esta associação e interpretação não é alegorização. Na alegorização, um sentido nunca imaginado pelo autor da parábola é atribuído a ela. Contudo, a alta correspondência entre as parábolas e as situações por ela descritas tinha sido claramente intencionada pelo autor da parábola.

A maior diferença entre uma parábola e uma alegoria está no fato que ao interpretar uma alegoria, o interprete trabalha, imaginativamente, cada detalhe do texto para dar-lhe um significado. A interpretação de uma parábola, porém, é feita com base na correspondência global do discurso, bem ancorado no contexto histórico, com o que se pretende ensinar.

Alegorização é um método de trabalhar com textos escritos. Parábolas são ingredientes de discursos (orais), onde a correspondência de cada detalhe não é tão importante como o todo, e onde as correspondências dos detalhes com a realidade é decorrência da construção deliberada da mensagem da parábola.

TIPOS DE PARÁBOLAS

Apresentamos, a seguir, vários tipos de parábolas, com o objetivo de gerar uma classificação que nos ajude a vislumbrar a diversidade das parábolas de Jesus. Acredito, também, que a classificação acabará ajudando a interpretação delas. Certamente, iremos encontrar muitas exceções, que parecerão mais numerosas que os "casos típicos" e também encontraremos muitos tipos "híbridos" que misturam os vários tipos.

Parábolas, no sentido restrito, seriam aquelas que se encaixam bem na definição clássica de parábolas: uma comparação com uma idéia central governando a significado que seria óbvio aos ouvintes originais. A parábola do credor incompassivo (Mt 18.23-35) seria um exemplo de "parábola no sentido restrito". Geralmente há uma formula introdutória dizendo ao que se está comparando o discurso: "O reino dos céus é semelhante..." etc.

Parábolas simbolizantes poderiam ser classificadas com o tipo anterior ou com o próximo, mas prefiro abrir uma classificação especial para elas. São aquelas em que a correspondência entre os símbolos da parábola e a realidade sobre a qual se ensina é muito estreita. É o caso da parábola do semeador e da parábola do trigo e do joio (Mt 13.1-43). Note que, nestes casos, a interpretação que o próprio Jesus oferece é muito detalhada, mas não se torna alegoria.

De fato, não há "lei espiritual" que impeça o Senhor Jesus de usar alegorias. Se Jesus quisesse fazer e usar alegorias, isto não seria problema. Por outro lado, o estudo do texto mostra que a interpretação detalhada, oferecida por Jesus, não é alegoria. Ela aproveita a riqueza dos símbolos disponíveis na parábola para oferecer uma lição cheia de detalhes. A alegoria, se existisse, teria que basear-se na imaginação criativa do alegorista.

Ainda pensando nos símbolos dentro das parábolas, é bom lembrar que alguns destes símbolos que Jesus usou já tinham uma associação tradicional com realidades espirituais. Note o exemplo abaixo. Hoje em dia, se falamos de palavras como "pai", "pastor" e "cordeiro" em contextos religiosos, estas palavras já carregam certo significado e convidam o ouvinte a fazer certas comparações com Deus e com Jesus. Assim também para os antigos judeus, falar de certas coisas como "vinha", "tesouro" e, "festa de casamento" evocariam certos motivos e idéias religiosas ligadas ao povo de Israel, a Tora e os tempos do Messias, respectivamente.

Desta forma, o auditório original seria convidado, facilmente, a relacionar a parábola com idéias que as imagens da parábola já sugeriram. Em Mateus 21.33-46, a simples menção de "vinha" já remetia as mentes dos ouvintes para o "Cântico da Vinha" de Isaías 5, e identificava o assunto sobre o qual se falava: o povo de Deus. Até os inimigos entenderam esta parábola (Mt 21.45). Há muitos casos como este onde Jesus usou uma metáfora tradicional em suas parábolas.

Toda esta argumentação é feita para afirmar que Jesus podia proferir o que chamamos de "parábolas simbolizantes", cuja interpretação é cheia de detalhes. Não é necessário supor que Jesus não poderia proferir uma parábola com interpretação detalhada. De fato, pelo evangelho, ele o fez e o povo compreendeu muito bem o que ele dizia.

Parábolas proféticas são aquelas em que, além de todo o seu impacto como mensagem, pode-se perceber profecias de Jesus sobre o futuro. Num sentido, quase todas as chamadas "Parábolas do Reino" são proféticas. Todas elas anunciam o reino de Deus que tem aspectos presentes e futuros, em sua descrição.

Por exemplo, as duas parábolas contidas em Mateus 21.33-22.14 ilustram este tipo de parábola. São proféticas no sentido de anunciarem tanto a crucifixão de Jesus como também seu reino e sua futura vinda para julgar a todos.

O sentido primário e simples das duas parábolas é de julgamento contra os ingratos e infiéis, mas à luz da história do evangelho, não se pode deixar de notar a previsão da morte de Jesus e também uma profecia velada sobre a rejeição de Israel como povo da aliança, a destruição de Jerusalém e até mesmo a conversão dos gentios!

Em termos gerais e num primeiro nível de interpretação, elas devem entendidas como qualquer outra parábola, mas à nível da igreja e da história da redenção, elas são proféticas e estes elementos proféticos faziam parte da potencialidade original de sentido da parábola.

Narrativa parabólica é o modo de classificar parábolas que não tem fórmulas de introdução, mas que são apresentadas na forma de narrativas (verbos no passado, enredo, etc.). A parábola dos dois filhos é deste tipo (Mt 21.28-32). Não há uma formula introdutória dizendo qual é o ponto da comparação, mas este ponto de comparação (ou a lição) vem, com força, depois de toda a narrativa. Tirando a ausência das fórmulas introdutórias, ela se assemelha em muito ao primeiro tipo de exposto, isto é, as parábolas no sentido restrito.

Dito parabólico é uma pequena frase que faz algum tipo de comparação, mas que não tem "enredo" nem tamanho para ser considerado uma estória. A segunda frase de Mateus 7.16 poderia ser considerada como tal.

Provérbio também deve ser incluído nas "parábolas de Jesus". Frases como: "Ninguém pode servir a dois senhores", "Quem tem ouvidos, ouça", "Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos" etc. são verdadeiros provérbios de Jesus, mas que podemos chamar de "parábolas" no sentido da palavra aramaica. Lembre-se que Lucas 4.23 cita um provérbio popular chamando-o de "PARABOLÉ", no original.

Enigmas. A frase de Jesus em Mateus 15.10-11 é uma charada ou enigma, mas no verso 15 ela é chamada de parábola. Assim, em alguns casos, as parábolas precisavam ser "trabalhadas" para serem compreendidas funcionando como verdadeiros enigmas.

Metáfora e símiles são aquelas parábolas de Jesus onde existe a afirmação de que "algo é o que não é", para suscitar uma idéia de semelhança

imaginária entre duas coisas. São figuras de linguagem. Na símile geralmente ocorre o conectivo "como", enquanto na metáfora ele não aparece. "Vós sois o sal da terra" (Mt 5.15) é uma metáfora. "Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos" (Mt 11.16-17) é uma símile.

Similitudes são semelhantes às parábolas no sentido estrito, com a diferença de ter os seus verbos no presente, enquanto aquelas (parábolas no sentido estrito) têm verbos no passado.

Desta forma as parábolas no sentido estrito usam os verbos no passado expressando algo como se fosse histórico, mas que nunca aconteceu. As similitudes usam os verbos no presente, expressando, assim, coisas que costumam acontecer. A parábola dos meninos na praça (Mateus 11.16-17) é um exemplo desta classe.

OUTROS CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO DAS PARÁBOLAS

Todas as formas de classificação acima poderiam ser divididas de modo mais sintético em: (1) estórias parabólicas e (2) ditos parabólicos. Estes são realmente os grandes pólos de toda esta classificação.

O foco de atenção das parábolas também pode ser um critério para sua classificação. Há parábolas cujo centro da atenção está na atuação divina e nos seus princípios ao lidar com os homens – por exemplo, as parábolas do grão de mostarda e do trigo e joio (Mt 13.24-33). Outras estão mais interessadas no agir dos homens, ou seja, a conduta humana. – por exemplo, a parábola dos dois filhos (Mt 21.28-32). Finalmente, há parábolas mistas, que trabalham, simultaneamente, os dois temas - um exemplo deste último tipo é a parábola do credor incompassivo (Mt 18.23-35).

Esta classificação das parábolas conforme seu centro da atenção é importante para entender seu significado. As parábolas que falam da conduta humana, geralmente estão fazendo um apelo à consciência, enquanto que, as que tratam da atuação divina, apelam para visão espiritual. As de conduta humana conduzem ao arrependimento; as de atuação divina induzem a fé. Nas primeiras é necessário identificar-se, nas outras é necessário confiar em Deus.

As parábolas de Jesus são diferentes conforme a época do seu ministério e conforme o público a que se destinam. As parábolas encontradas no sermão da montanha são muito fáceis do que as de Mateus 13, que foram proferidas depois da oposição a Jesus crescer e Jesus decidir fazer uma "seleção" dos ouvintes, conforme o compromisso com ele. As parábolas do discurso escatológico (Mt 24-25) são pronunciadas num tom de advertência enquanto que as do discurso polêmico condena e ameaçam (Mt 21-23).

PARÁBOLAS EM AGRUPAMENTO

As parábolas podem estar acompanhadas de outras formando duplas, trincas ou até uma coleção de parábolas. No caso de parábola dupla, pode-se notar o fenômeno do chamado "paralelismo" entre parábolas.

Na poesia hebraica, paralelismo é o modo de nomear o fenômeno de repetição, de contraste ou de justaposição de frases, que é a principal característica da poesia hebraica. Não se trata de uma "rima de sons" como a poesia tradicional brasileira, mas uma "rima de idéias", onde uma idéia é anunciada e, depois, na próxima frase, ela é apresentada de novo (paralelismo

sinônimo) ou é apresentada em contraste (paralelismo antitético) ou simplesmente associada a outra idéia (paralelismo sintético).

O paralelismo entre as parábolas também pode ser:

(1) paralelismo sinônimo – quando as duas parábolas ensinam, basicamente, a mesma coisa. O exemplo é o caso das parábolas sobre o valor do Reino (Mt 13.44-46);

(2) paralelismo reverso – ocorre quando do uma mesma história é contada, mas cada uma tem um desfecho diferente, ou seja, a atuação dos personagens é completamente contrária em cada uma das parábolas. O caso de Mateus 7.24-27 oferece um exemplo perfeito: dois homens constroem suas casas, mas de modo diferente com diferentes resultados. Também Mateus 24.45-51: os dois mordomos administram uma casa, mas de modos completamente opostos.

(3) paralelismo antitético – ocorre quando cada parábola ensina uma lição oposta e complementar em relação à outra. As duas parábolas de Lucas 14.28-33 ilustram um par de parábolas em paralelismo antitético. A parábola da construção da torre (28-30) ensina: "Veja se tem condições de seguir a Cristo", ou seja, veja se vai seguir até o fim. A parábola dos reis em guerra (31-32) ensina: "Veja se tem condições de não seguir a Cristo", ou seja, será que dá para enfrentar Jesus? Assim, parábolas paralelas ensinam duas verdades importantes, mas em certa oposição ou contradição.

A RAZÃO, FUNCIONAMENTO E FUNÇÃO DAS PARÁBOLAS

Por que Jesus contou parábolas? O que ele queria com isto? Esta questão esta ligada com a função das parábolas e também com o funcionamento das parábolas. Entendendo estas duas coisas, fica mais fácil interpretar esta forma de ensino de Jesus.

A função básica das parábolas era de produzir uma reação: uma decisão de ação ou de fé. Há muita discussão sobre serem as parábolas formas de argumento ou formas de revelação. Não é necessário contrapor uma idéia à outra.

A parábola, em sua expressão original, argumentava e revelava, mas principalmente produzia uma reação. A reação podia ser negativa ou positiva, mas este é o seu propósito.

Esta função está ligada com o funcionamento das parábolas. O método parabólico de ensino faz uma série de coisas ao mesmo tempo, conforme o quadro abaixo:

ENVOLVER ⇒ REVELAR/OCULTAR ⇒ CONFRONTAR ⇒ OBTER REAÇÃO

As parábolas envolvem os ouvintes pela familiaridade, pelo drama, pela surpresa, pela poesia, etc. Uma vez envolvidos, a acuidade espiritual do ouvinte e a natureza da parábola irão revelar ou ocultar a mensagem a ele. É bom lembrar que a parábola não contém uma mensagem: a parábola é a mensagem.

Uma vez que os ouvintes tenham percebido a parábola, eles são confrontados ou questionados por ela. A parábola é um tipo de comunicação feito para gerar uma reação ou resposta dos ouvintes. O melhor modo de verificar o funcionamento de uma parábola é o de observar algum ou todos estes fenômenos ocorrendo em um texto como Mateus 21.28-46.

Neste texto, no Evangelho de Mateus, Jesus está enunciando duas parábolas em paralelismo antitético. Na primeira (v. 28-32), ele fala que os publicanos e meretrizes entrarão no reino de Deus, mas na segunda (v. 33-44) ele afirma que o reino de Deus seria tirado dos líderes religiosos judaicos. Eles reagem nos versos 45- 46 e em todo o capítulo seguinte tentam atacar Jesus.

A COMPREENSÃO DAS PARÁBOLAS

A chave para compreensão das parábolas, em geral, é a compreensão que o ouvinte tinha de Jesus. Isto é válido, especialmente, nas chamadas parábolas do reino, mas temos que lembrar que Jesus interpretou para eles muitas parábolas de modo que, depois, eles "pegaram o jeito". Há ocasiões, contudo, em que até os inimigos entenderam as parábolas (Mt 21.5-46). Em algumas ocasiões, uma explicação estava associada à parábola (Mt 18.23-35). Há outros casos em que a lição só podia ser entendida levando em conta quem era Jesus e qual era sua obra (Mt 13.1-52).

O valor das parábolas pode ser ressaltado por sua facilidade de fixação, de assimilação e de confrontação com a vida do ouvinte. A qualidade da compreensão, como o próprio Jesus afirmava, dependia muitas vezes do ouvinte.

PRINCÍPIOS DE CONSTRUÇÃO DAS PARÁBOLAS

As parábolas narrativas são construídas de acordo com certas regras ou leis que governam todo tipo de "conto popular". As idéias abaixo são leis do conto popular que parecem ser obedecidas nas parábolas nas Jesus.

As parábolas que tem enredo obedecem à **lei do drama**. Há um desenrolar de fatos que faz com que a narrativa tenha sentido. Todo o drama deve ser observado. Há uma linearidade necessária dos eventos: começo meio e fim. Se uma parábola deixa de apresentar o fim, a omissão é deliberada e convida o ouvinte a fazer o fim da história, explicitamente, como no caso de Mateus 22.40, ou, implicitamente, como no caso de Lucas 15.32, onde temos que imaginar se o filho mais velho aceitou o convite do pai ou não.

A **lei da concisão** é observada pelo fato das parábolas serem estórias curtas. Não se fala muito de motivos interiores, simplesmente deixa-se o drama passar. Ocasionalmente, motivos interiores são revelados por ações exteriores.

A **regra de três** quase sempre se faz presente, ou seja, nunca há mais do que três elementos na narrativa (três servos - Mt 25.14-30; mesmo em Lucas 19.11-27, onde havia 10 servos, só três são entrevistados). Até mesmo na parábola do semeador, com quatro solos, este princípio é obedecido, pois há três tipos de solo mau e três tipos de solo bom.

A **regra de dois** evita ter mais de dois personagens por cena. Ela ajuda a manter a parábola concisa e simples. Mesmo em casos onde vários grupos são identificados (por exemplo: Mt 20.1-16), eles só aparecem em diálogos (não há discussão de grupo ou situações mais complexas).

A **lei da unidade de ação** faz com que as parábolas tenham uma linha de enredo só. Não dois enredos paralelos.

A **lei do fim** assegura que a lição venha no fim da parábola. Quando há mais de uma lição possível para o auditório original, a lição mais importante é a final. O chamado "termo de comparação" encontra-se geralmente no fim da

parábola. Quando há "dois finais", como em Mateus 22.1-14, o final mais importante é o último. Este é o caso das parábolas dos filhos perdidos de Lucas 15.11-32: a lição principal está no diálogo do pai com o irmão mais velho, embora todos gostem mais de apreciar a lição a respeito do irmão mais novo.

A **lei do auditório original** diz que a parábola será construída de conformidade com o mundo dos ouvintes. É a vida cotidiana, os costumes e o modo de pensar dos judeus da Palestina do primeiro século que são usados como matéria prima no ensino por parábolas. Os símbolos que identificam as realidades sobre as quais as parábolas tratam devem ser encontradas na cultura dos ouvintes originais. São eles os "alvos diretos" das parábolas – foi deles que Jesus esperava uma reação. Muitas vezes, como já dissemos, é o auditório que determina o tipo de parábola que será proferido.

A **lei do contraste** é encontrada em funcionamento em algumas parábolas. Dois tipos são comparados e contrastados; a lição vem da observação deste contraste. Mt 25.1-13 é um exemplo.

A **lei da espontaneidade** lembra-nos que as parábolas não foram criadas em um escritório, ou numa escrivaninha, mas sim no "calor da batalha". Jesus contou estórias "de improviso", como um repentista responde, na viola, o desafio de uma situação inesperada ou específica. Isto quer dizer que não se pode fazer um estudo delas tão minucioso como se fosse um contrato de locação.

A **lei do uso variado** chama atenção para o fato que Jesus usou uma mesma parábola ou dito parabólico muitas vezes e de muitas maneiras. A parábola da ovelha perdida é um exemplo. Lucas registra a ocasião em que Jesus usou-a para falar de sua atitude para com os pecadores. Mateus, no seu ensino de como a igreja deve tratar os pequenos que se desviam (compare Lc 15.3-7 com Mt 18.10-14). Há outros casos em que Jesus usou uma mesma idéia básica para contar várias parábolas: há várias parábolas falando de sementes e semeadura (Mt 13.1-9, 24-30, 31-32; Mc 4.26-29; Jo 12.24); há várias parábolas sobre responsabilidades delegadas como a dos talentos (Mt 25.14-30), a dos servos e do porteiro (Mc 13.33-37), e a das minas (Lc 19.11-27). Estes exemplos bastam. Não se deve pensar que esta diferenças apontem para versões do mesmo proferimento original. Jesus usou muitas vezes uma mesma idéia; este é o modo mais razoável de lidar com a evidência dos textos do Novo Testamento.

A **lei do todo** é especialmente importante para parábola que tem fórmulas introdutórias que dão a impressão de identificar o reino de Deus com apenas uma parte do discurso. Lendo Mateus 13.31 não devemos identificar o reino com um grão de mostarda, mas sim com um grão de mostarda plantado que cresça até o tamanho da árvore. A comparação deve ser com todo e não apenas com o primeiro elemento da narrativa.

A **lei da poesia e da canção** afirma que as muitas parábolas estão arranjadas em formas e estruturas poéticas formando verdadeiras "canções" ou "baladas" ao estilo dos profetas do Velho Testamento. As parábolas podem ser estruturadas em estruturas concêntricas (quiásticas), poéticas e quase musicais, para o mundo oriental. Assim, ela não participa apenas das leis da estória ou do drama, mas também da música e da épica antiga, que cantava

feitos dos grandes homens por meio de grandes canções. Em seu livro sobre as parábolas, K. Bailey mostra as possíveis estruturas poéticas de várias parábolas de Lucas.

Estas todas estas leis não se aplicam a todas as parábolas, mas quando se aplicam, são úteis para a compreensão da parábola.

INTERPRETAÇÃO DAS PARÁBOLAS

A interpretação de parábolas é um dos pontos mais importantes de nossa discussão. Tudo que observamos até agora é subsidio para ser empregado no processo exegético-hermenêutico.

Nunca devemos "ocidentalizar" uma parábola. O conceito grego de parábola tem contribuído um pouco para isto. Também somos tentados a ler o texto como se tivesse sido dirigido primeiramente a nós e a nossa cultura – etnocentrismo! Isto é um erro. A parábola deve ser colocada dentro dos seus contextos originais para ser entendida e depois ter seu sentido transferido para o nosso contexto.

Nunca devemos "alegorizar" uma parábola. Mesmo que a parábola seja rica em símbolos que tem um significado identificável ou utilizável dentro de nosso universo conceitual e imaginativo, isso não nos dá direito de transformá-la em alegoria, identificando cada detalhe conforme nosso sistema de pensamento. De qualquer forma, os ouvintes originais é que devem ser as pessoas com capacidade de discernir os símbolos da parábola, caso existam.

Devemos enquadras as parábolas em todos os seus contextos. As parábolas funcionam como uma peça teatral dentro de outra, que por sua vez, também fez parte de uma terceira. No palco mais profundo, o terceiro palco, desenrola-se a ação da parábola. No segundo palco, Jesus está contando a história ao auditório original. No palco mais exterior, o primeiro palco, o Evangelista relatando o evento para sua igreja, leitora de um evangelho. Finalmente, no auditório, assistindo e tentando entender tudo, estamos nós. Estes vários contextos têm que ser levados em conta no processo de interpretar.

Para exemplificar estes diferentes níveis de contexto, usemos a parábola do credor incompassivo (Mt 18.23-35). No contexto da própria parábola (o palco mais profundo), a estória transcorre em um ambiente gentio, pois o rei vai vender um escravo devedor, coisa que não se faria em um reino regido pela Torá. No contexto do ministério de Jesus (o segundo palco), Pedro perguntou sobre o perdão e recebeu de Jesus uma resposta que envolvia a parábola. Neste contexto histórico do ministério de Jesus, a parábola é ensino para Pedro e seus colegas. No contexto do evangelho de Mateus, a parábola está no meio de um discurso sobre a vida na igreja (Mateus 18). Assim, o ensino da parábola torna-se catecismo para a igreja missionária de Mateus. Uma parábola, três contextos.

REGRAS PARA A INTERPRETAÇÃO DAS PARÁBOLAS

Algumas regras para a interpretação das parábolas são dadas a seguir. Elas não diferem muito das regras gerais de interpretação bíblica de qualquer texto, mas estão aqui especialmente modificadas para o uso nas parábolas de Jesus.

Texto

1. Assegure-se de trabalhar com um texto livre de problemas textuais e de variantes espúrias.

2. Reconheça a estrutura do texto, as cenas e etapas da parábola, a poesia dos ditos, os padrões de construção da parábola etc.

Contexto

3. Preste muita atenção nos três contextos: da parábola como estória; da parábola no ministério terrestre de Jesus; e do uso da parábola no evangelho escrito.

4. Para cada um destes níveis de contexto, pergunte: Quem? Quando? Para quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

5. É muito importante levar em conta os pressupostos culturais dos primeiros ouvintes e qualquer indicação de interpretação que o texto oferecer.

Palavras

6. Estude as palavras chave, principalmente aquelas que poderiam simbolizar pontos mais importantes da parábola para o auditório. Por exemplo: a videira da parábola dos lavradores maus, era um símbolo conhecido para os ouvintes, mas o mesmo símbolo não tem tanta força na parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 21.33-46 e 20.1-16).

Idéias

7. Procure descobrir a intenção original da parábola. Qual a reação que ela deveria provocar? Qual a decisão que os ouvintes precisam fazer?

8. Veja que temas, idéias e doutrinas bíblicas estão afirmadas ou pressupostas pelo ensino da parábola.

Paráfrase

9. Aplique o ensino da parábola na situação presente procurando preservar a força de seu questionamento original. Parábolas devem encantar, chocar, surpreender e provocar reação.

10. Faça uma lista das doutrinas e ensinamentos afirmados ou pressupostos pela parábola que tem especial relevância no presente.

Lembre-se a chave para compreender as parábolas é a compreensão pessoa e obra de Jesus.

AS PARÁBOLAS DE MATEUS

Não iremos estudar todas as parábolas de Mateus, por ser uma tarefa que foge ao escopo deste estudo. O que se segue será, necessariamente, seletivo, em vista do objetivo de relacionar nosso estudo das parábolas com a evangelização.

Conforme já foi observado, é muito importante saber em que época de seu ministério Jesus proferiu uma parábola. O primeiro grupo que vamos estudar está em Mateus 13.

Para melhor situar estas parábolas no evangelho de Mateus, observemos a estrutura do evangelho de Mateus.

Preâmbulo 1.1-2.23 (narrativas do nascimento e infância).
Narrativa 3.1-4.25 (início do ministério de Jesus).
Discurso 5.1-7.26 (sermão do monte).
Narrativa 8.1-9.34 (coleção de 10 milagres de Jesus)
Discurso 9.35-11.1 (sermão da missão).

Narrativa 11.2-12.50 (oposição a Jesus: necessidade de optar)
Discurso 13.1-52 (PARÁBOLAS DO REINO)
Narrativa 13.53-17.27 (especial: confissão de Pedro).
. **Discurso** 18.1-35 (sermão da comunidade).
Narrativa.. 19.1-20.24 (viagem a Jerusalém)
Polêmica 21.1-23.39 (debate entre Jesus e o judaísmo).
Discurso 24.1-25.46 (sermão profético).
Narrativa 26.1-28.20 (narrativa da paixão-ressurreição).

Observe que o grupo de parábolas de Mateus 13 está colocado subseqüentemente à rejeição de Cristo por boa parte dos líderes judaicos e ao mesmo tempo por uma incredulidade generalizada por toda população da Galiléia.

O "ambiente" dos capítulos 11 e 12 é sufocante. A atmosfera é sombria e decepcionante: parece que todo o trabalho de Jesus não produziu muito efeito. Logo, quando chegamos ao capítulo 13, as parábolas ainda apresentam o mesmo quadro dos ouvintes de Jesus. A adoção do método parabólico no ensino foi baseada nas experiências desapontadoras anteriores, quando Jesus foi rejeitado e contraditado. As parábolas irão revelar verdades aos que têm os ouvidos abertos e vão esconder a verdade dos que são incrédulos ou insensíveis espiritualmente.

O povo teve sua chance e rejeitou-a. Agora só teria parábolas, através das quais os de bom coração aprenderiam e os "de fora" não aprenderiam nada (Mt 13.1-9, 10-17, 18-23).

A parábola do Semeador

Mt 13.1-9, 10-17, 18-23

No ministério de Jesus esta parábola tinha um sentido bem claro: apesar do aparente fracasso da "semeadura" durante o ministério de Jesus, no futuro o bom solo iria trazer a colheita excepcional: 30, 60 e 100 por 1. Colher 100 por 1 era grande resultado, Gn 26.16. Geralmente o máximo era 50 por 1. Esta é uma parábola de contraste: três solos improdutivos contra o solo (três tipos) produtivo. A ênfase da parábola está no final: a grande produção na colheita. O poder de Deus fará evidente o seu poder pelos resultados. No presente havia frustração, mas no futuro viria a colheita.

Como Jesus poderia ser o Messias com tanto fracasso na sua "colheita"? O poder de Deus fará a colheita o solo bom ser superabundante. O fracasso atual seria transformado em sucesso futuro.

Além disto, a parábola tem em seus quatro tipos de solo, um paradigma dos ouvintes de Jesus. O **primeiro solo** é como os inimigos de Jesus: pessoas de coração duro que não aprendem nada. O **segundo solo** parece descrever aquela grande massa de pessoas e multidões cuja ligação com Cristo era muito superficial. O **terceiro** tipo é bem ilustrado pelo jovem rico e por muitos que não podiam abandonar que tinham para obedecer a Jesus. O **quarto** tipo é dos discípulos. Eles são exortados ser o quarto solo, pelo ouvir bem.

A igreja da Mateus poderia utilizar este ensino de Jesus para entender o processo de pregação e evangelização. Assim como Jesus foi bem sucedido em meio a um aparente fracasso, assim também faria a igreja. Em termos

parenéticos, o texto incute a necessidade de ouvir bem: devemos procurar ser o bom solo.

O método de ensinar por parábolas obscuras chocou os discípulos (v.10). Jesus explicou apresentando o contraste que existia entre os discípulos e os outros. O provérbio citado em v. 12 é chave.

Nota histórica: Na Palestina na época de Jesus,semeava se o campo antes de arar, de modo que não se podia distinguir qual solo era de que tipo.

A Parábola do Trigo e do Joio

Mt 13.24-30

No ministério de Jesus esta parábola também teve especial relevância. Os que observavam o ministério de Jesus, não viam a "limpeza" prometida por João Batista em Mt 3.1-12. A expectativa de uma imediata destruição dos maus (na mente deles sempre "os outros") e da vindicação da comunidade de puros e "separados", era um anelo geral e amplamente divulgado. Os Essênios resolveram viver separados dos perversos em "comunidade mosteiro". Os Fariseus procuravam não ter contato com os "do povo comum", pois eles eram melhores que aqueles. Os Zelotes gostariam de "cortar o mal pela raiz e já": isto significaria cortar alguns pescoços. Até os Saduceus aristocratas, desprezavam o povo da terra como "gentalha" e estavam prontos para matar qualquer um que estivesse no seu caminho de manutenção do poder e do *status quo*.

Ao contrário destas expectativas, populares, Jesus revela que o Reino de Deus opera com base em diferentes princípios: Deus tolera os maus em beneficio dos bons. Até um Judas foi mantido no meio dos discípulos de Jesus em detrimento de sua perversidade. Publicamos e pecadores andavam com Jesus. Enquanto todos gritavam "Juízo já!", Jesus esperava o dia final, onde este juízo seria realizado mais eficientemente. Esta parábola responde a questão da grande mistura dos bons e dos maus no ministério de Jesus.

Jesus interpreta a parábola para os seus discípulos em casa. A interpretação é dada em grandes blocos: vs.37-39 o sentido de cada parte: vs 40-43 o sentido principal da parábola.

A igreja de Mateus poderia entender a lição com respeito ao seu próprio trabalho e até mesmo com respeito aos que se dizem participantes do reino de Deus. Deus vai tirar os maus do meio dos bons. Não é para nos julgarmos, mas para Deus.

Notas históricas**:**

- Na terna idade, joio e trigo são muito parecidos. No amadurecimento, o trigo cresce mais e fica amarelo; o joio, menor, fica cinza escuro. O joio amadurece primeiro.
- O joio e sua farinha geram náuseas, vômito,efeito narcotizante e gosto amargo no pão. Por isto não pode ser misturado ao trigo.
- Semear má semente em campo alheio era prática maléfica atestada na Antigüidade e até hoje na Índia. No tempo de Jesus, havia uma lei romana contra tal prática.
- Joio = "*Lolium temulentum*"

As Parábolas do Grão de Mostarda e do Fermento

Mt 13.31-33

Estas parábolas formam um dublete ou uma dupla em paralelismo sinônimo, embora o evangelho de Marcos contenha apenas a do grão de mostarda (Mc 4.30-32), Mateus fez questão de colocar as duas juntas.

No ministério de Jesus esta é uma parábola de contraste, por excelência. Ela não está tanto descrevendo um processo gradual de crescimento, como é o caso de Marcos 4.26-29, mas contrastando o início e o fim. O estágio inicial do reino comparado com sua consumação. O reino no mistério de Jesus e o reino no porvir. A insignificância aparente do reino no ministério de Jesus e a completa abrangente realização de seus esforços no momento final.

A ligação orgânica entre o que Jesus fazia no seu ministério terrestre e o futuro reino glorioso tinha seu paralelo na ligação entre semente de mostarda e a pequena árvore resultante do plantio e crescimento. Os judeus não compreendiam como o ministério de Jesus iria trazer o reino de Deus. Eles esperavam algo mais imediato e glorioso como uma explosão ou revolução. Eles queriam que Jesus trouxesse a grandeza do reino de Davi de volta, imediatamente e estrondosamente. Mas nada disto tinha acontecido. Tudo o que Jesus tinha era "um grão de mostarda". O fermento, pouco em quantidade, misturado na farinha, escondido, não parecia estar fazendo nada – tudo parecia perdido.

Jesus apela para a fé dos ouvintes. É necessário confiar em Jesus e aceitar que os pequenos começos terão grandes resultados pela bênção de Deus. Era necessário crer na significação escatológica do ministério de Jesus.

A igreja de Mateus Aprendeu a confiar em Deus, e ver que a grandeza do reino está em sua fraqueza. Em certo sentido, aquela igreja podia ver com o grão de mostarda que Jesus plantou, agora já parecia uma "árvore". Por outro lado, a igreja mateana ainda era um grão de mostarda. Aquilo que Deus vai fazer com seu reino sempre transforma o presente, por maior que seja, em um grão de mostarda, em um pouco de fermento oculto na massa.

Notas históricas**:**

- Mostarda – "*Sinapis nigra*" encaixa-se na descrição. Usada para fins alimentícios. A pequena árvore chega a ter 2 metros e seus galhos chegam a ter força para sustentar pássaros que vem comer suas sementes.
- Tecnicamente não é a menor de todas as sementes, mas era proverbialmente conhecida como coisa pequena (Cf. Mt 17.20; Lc 17.6).
- Hortaliças são comparadas com o pé de mostarda por ser ele classificado como planta da horta na Palestina. Por seu tamanho seria o "monstro da horta".
- Jesus foi humilde até na escolha da planta para simbolizar o reino. Ele não disse que o reino era como um cedro do Líbano, mas como um grande "pé de couve"!
- Aves são referências do tamanho e talvez alusão simbolizante a Ezequiel 17.23; 31.6 e Daniel 4.20-22.

- O fermento era feito de um pedaço de massa deixado "fermentar" de um dia para o outro. Assim, a dona de casa mantinha seu fermento de uma fornada para outra.
- Três medidas – cerca de 22 a 25 litros. Bastante substrato para fermentar.
- Mulheres geralmente faziam o pão. Jesus, provavelmente, lembra de Maria fazendo pão.

As Parábolas da Pérola e do Tesouro

Mt 13.44-46

Está parábola foi proferida só para os discípulos. Também formam uma parábola dupla em paralelismo sinônimo.

No ministério de Jesus está parábola ensinou aos discípulos que o que eles estavam fazendo valia a pena. Deixar tudo por Jesus e pelo reino era a melhor opção, o melhor negócio. O preço pago, aparentemente alto, era nada em comparação com o prêmio alcançado (Cf. Mc 14.26-27, 33; Mt 16.24-25; 19.29).

Os discípulos precisam aprender o valor do que tinham em mãos, embora outros não o soubessem. O sacrifício e o risco de serem discípulos de Jesus valem a pena quando se leva em conta o valor do Reino dos Céus.

A igreja de Mateus poderia entender muito melhor esta parábola, depois da cruz. A graça de Deus, que excede qualquer valor, fica bem ilustrada na parábola, tornando evidente que ser discípulo de Jesus é lucro.

Notas históricas:

- Enterrar dinheiro era comum na Antigüidade.
- A legalidade da compra do campo não deve questionada. Jesus muitas vezes usa protagonistas "desonestos" em suas parábolas. De qualquer forma, neste caso parece que não há nenhuma desonestidade. O direito antigo reconhecia o direito de propriedade sobre tudo que estava no campo. Se ele retirasse o tesouro dali, sem comprar o terreno, aí sim, teria roubado.
- Pérolas, na Antigüidade Oriental, tinham não somente valor como jóias, mas apelo afetivo e de satisfação pessoal.

A Parábola da Rede

Mt 13.47-50

Esta parábola tem lição muito semelhante à do trigo e do joio. Sua ênfase, porém está no castigo dos maus. É uma parábola sobre o juízo de Deus e sobre os que se submeteram ao reino dele, nas condições que ele determinou.

No ministério de Jesus esta parábola aproveitava o fato de muitos dos discípulos de Jesus terem sido pescadores e agora estarem sendo transformados em "pescadores de homens". Também fazia referência ao próprio grupo de Jesus: nem todos que estavam ali seriam fiéis a Jesus – lembre-se de Judas! Nem todos que estão na "rede" hoje, irão participar do reino eterno, amanhã. Muito pelo contrário, no fim dos tempos, Deus fará uma retirada dos "falsos" dentre os discípulos. A parábola é uma advertência para os discípulos.

A igreja de Mateus Poderia aplicar a parábola a si mesma ou a diferença entre ela e o mundo. Qualquer falsa segurança será desmascarada no fim dos tempos.

A parábola das coisas novas e velhas

Mt 13.51-52

O ponto de partida desta parábola é o "escriba instruído no Reino de Deus". Como ela é dirigida aos discípulos depois da questão de Jesus sobre a compreensão das parábolas, é justo afirmar que, **no ministério de Jesus**, o escriba versado no reino de Deus indica o ideal para o qual os discípulos deviam caminhar. O escriba judaico só pensava no que era velho. O discípulo de Cristo tem em seu depósito, para o uso, coisas antigas e novas: coisas já conhecidas e coisas só agora reveladas. O método das parábolas é tal que tira do depósito verdades velhas e verdades novas.

A igreja de Mateus talvez pudesse reconhecer aqui o escritor do evangelho e também todos os obreiros no ministério da palavra. Cf. Mt 23.34.

A parábola da ovelha perdida

Mt 18.10-14

Esta parábola está incorporada ao discurso de Jesus sobre a comunidade dos discípulos, ou, a igreja. Outra ocasião em que Jesus usou a mesma parábola é relatada em Lucas 15. Na ocasião, ele estava sendo criticado por sua associação com pecadores.

O discurso sobre a igreja em Mateus 18 pode ser esquematizado como abaixo:

- No reino dos Céus o pequeno é o grande (18.1-15)
- O perigo de causar a um pequeno (18.6-9)
- A necessidade de cuidar de um pequeno (18.10-14) – A PARÁBOLA
- Como agir em casos de pecado (18.15-20)
- A questão dói limite e do perdão (18.21-35).

O contexto da parábola neste discurso mostra que sua aplicação é diversa da de Lucas 15. Em Lucas falava-se dos pecadores em geral, aqui em Mateus trata-se dos pequeninos irmãos desviados e perdidos. O texto da parábola esta no meio de uma inclusão das expressões: "qualquer destes pequeninos" e "um só um destes pequeninos". Mateus está falando dos "pequeninos" (v. 6, 10, 14).

No contexto do ministério de Jesus esta parábola ensina aos doze a grandeza da humildade, da necessidade de servir o pequeno e não buscar grandeza às custas dos outros. Os discípulos estavam disputando sobre quem seria o maior e Jesus dá valor aos menores. Na família de Jesus, diferentemente da sociedade humana que só se importa com os grandes, os pequenos e servos têm valor. Na igreja há uma inversão na escala de valores de modo que todos devem buscar e ajudar o pequeno.

A igreja de Mateus deve ter usado todo este ensino de Jesus para seu procedimento "disciplinar", cheio de amor e cuidado. A igreja aprendeu a valorizar cada pequenino e não ficar, como todo mundo, competindo pela preeminência. A vontade de Deus é a salvação de todos (2Pedro 3.9) e por isso a igreja tenta ajudar todos.

A Parábola da Bodas

Mt 22.1-14

Esta é uma parábola com muitos elementos proféticos, preanunciando a rejeição judaica do evangelho e a pregação aos gentios. No evangelho de Mateus, esta parábola está colocada no meio da seção polêmica contra os líderes religiosos judaicos. Ela é a terceira parábola dirigida contra os maiorais do judaísmo, perante a multidão. As três parábolas podem mostrar uma progressão conforme abaixo:

- Parábola dos Dois Filhos (21.28-32): Os pecadores são mais dignos do reino do que aquela liderança religiosa.
- Parábola dos Lavradores Maus (21.33-46): O reino será tirado deles e dado a outro povo, os gentios.
- Parábola das Bodas (22.1-14): Os líderes não são dignos do convite, mas o convite será feito a outros. Não adianta ter qualquer "falsa expectativa". Só os dignos ficarão na festa.

Vê-se uma série progressiva de parábolas, que vai intensificando a condenação dos líderes judaicos. Portanto, **no ministério de Jesus**, a parábola das bodas faz parte da condenação dos líderes judeus e de todos aqueles que os imitaram em sua rejeição de Jesus.

A parábola tem duas partes, ou seja, dois finais. O segundo é o que geralmente recebe mais ênfase, nestes casos. A primeira parte mostra como que a rejeição de Jesus por parte dos líderes judaicos não frustrou os planos de Deus, muito pelo contrário, abriu chances àqueles que não tinham sido imaginados como participantes do reino. A segunda parte termina com o provérbio de Jesus : "Porque muitos são chamados , mas poucos escolhidos". Mesmo dentre os chamados, que entraram na festa, há exigências a serem obedecidas. Jesus está advertindo contra qualquer falsa esperança para estes "líderes" ou para outros. Só os dignos perante o rei participarão da salvação. No mistério de Jesus, a parábola profetizou até mesmo a destruição de Jerusalém, a vinda dos gentios, etc.

A igreja de Mateus pode ter usado esta parábola na polêmica contra a sinagoga, na compreensão da incredulidade dos judeus e na necessidade e conveniência da missão aos gentios. Contudo, de acordo com a segunda parte da parábola, isto não deve gerar uma confiança que desencaminha, ou qualquer forma de relaxamento espiritual. A igreja de Mateus está certa de que eles devem ser obedientes a Deus, mesmo na condição de salvos. A graça não deve ser abusada.

A parábola das talentos

Mt 25.14-30

O contexto literário é o do discurso escatológico de Jesus (Mt 24-25). A parábola sob atenção é a terceira de uma série de quatro grandes parábolas. Jesus usou uma série de "parábolas de servos-administradores" durante o seu ministério. A que mais se parece com esta é das Minas (Lc 19.11-27). Não é possível que se trate de diferentes versões da mesma parábola, mas são diferentes parábolas cunhadas sobre motivos semelhantes.

No ministério de Jesus esta parábola deve ter funcionado como advertência aos discípulos para que ficassem obedientes até a consumação do plano de Deus. A idéia é que o Cristo vai confiar-lhes as coisas dele e que eles

têm que agir de conformidade com a confiança que seu Senhor depositou neles. Eles não deveriam esquecer de sua tarefa, nem ser negligentes, mas vigiar e ser responsáveis.

Na igreja de Mateus a parábola deve ter recebido tratamento semelhante, porém, com muito mais esclarecimento, já que eles aguardavam a volta de Jesus a qualquer momento. O dever da igreja é fazer o que lhe foi mandado em completa fidelidade ao Senhor.

LIÇÕES GERAIS DAS PARÁBOLAS DE MATEUS E DO CRESCIMENTO DO REINO

- Confiança no poder de Deus:
  O contraste entre o aparente fracasso e o sucesso final retratado em muitas parábolas é um convite à fé. O início pequeno e a grandeza da consumação, anunciados nas parábolas do crescimento, constitui-se na cura contra a "blasfêmia do pessimismo", ou seja, a tendência de falar mal da igreja e do reino. A tendência de "fazer a caveira" dos trabalhos de evangelização com base em uma análise de resultados é um pecado dos que não têm fé.
  Estas parábolas ajudam a combater o pecado do "ateísmo eclesiástico" que pensa que tudo depende do homem. Na prática, eles agem como se Deus não existisse. Estas parábolas insistem no fato que Deus existe e agirá, no tempo certo, realizando uma grande obra.
  Também estas parábolas previnem contra a ressurreição das interpretações liberais, do Século XIX, que afirmavam que o progresso do reino de Deus dependia das mãos dos homens. Os teólogos da libertação e agora os teólogos ecologistas, também exageram o valor da ação humana, embora, ocasionalmente, seu discurso convide a alguma reflexão. Para Jesus, o progresso do reino, vem de Deus.
- O grande valor das pessoas, especialmente, das "sem valor":
  Todo trabalho que visa "crescimento da igreja" tende a tratar com números e esquecer as pessoas. Se houver 10% de perda em certos tipos de atividade industrial, alguns dirão que o rendimento está ótimo. Mas se estivermos lidando com ouro, ninguém aceitaria tal perda! No caso do reino de Deus, trabalhamos com pessoas amadas por Jesus, que valem muito mais do que qualquer coisa neste mundo. Não se pode pensar em termos de "perdas aceitáveis". Uma alma vale mais do que tudo. Jesus dá valor a todos, mesmo os considerados sem valor.
- Não se atrapalhe com a incredulidade:
  Alguns não vão aceitar o evangelho. Quando estes não aceitarem, sua incredulidade fornecerá chance de outros. Não ficaremos contentes com a rejeição de alguns, mas iremos encará-la positivamente como chance para outros.
  Não pare de pregar por causa de alguns não querem crer, passe adiante pregando e logo vai encontrar os que querem crer.
- Seja responsável:
  No último, dia as responsabilidades distribuídas serão cobradas. Nada de cultivar falsa segurança, nada de enganar-se a si mesmo sobre o futuro. Jesus quer obediência hoje. Todos seremos julgados.

- Use as parábolas para evangelizar:
  Como observou certo estudioso das parábolas, elas são narrativas "da vida para a vida", ou seja, estão profundamente ancoradas na vida real e nos conduzem para uma vida realmente consagrada a Jesus.
  Use as parábolas em sermões, aulas, discussões em grupo, etc. São ensino que funciona quase por simples enunciação. Elas já são mensagem e lição em si mesmas. Capturam o ouvinte e convidam para uma decisão de ação.
  Aprenda a usar os mecanismos de funcionamento das parábolas em pregação. Parte do poder maravilhoso de Jesus ao ensinar estava em sua capacidade de capturar as mentes com suas parábolas que funcionavam como laço e armadilha para os ouvintes. Podemos aprender a pregar assim também, se olharmos bem para o estilo de Jesus.
  Use os temas das parábolas em seu estudo e meditação. As parábolas descortinam pensamentos e questões fundamentais do pensamento de Jesus. Sem as parábolas, perdemos muito de nosso Mestre; com as parábolas, aprendemos seus segredos e suas revelações mais importantes.

NOTAS SOBRE A BIBLIOGRAFIA

Kenneth E. Bailey, **As Parábolas de Lucas** (A Poesia e o Camponês: Uma análise literária cultural das parábolas em Lucas) (Poet & Peasant and Through Peasant Eyes <combined edition>: A Literary-Cultural Approach to the Parables in Luke, Grand Rapids, Michigan, Willian B. Eerdmans Pub. Co., 1976/1980, trad. Adiel Almeida Oliveira), São Paulo, Edições Vida Nova, 1985. Considero este livro a melhor obra sobre as parábolas que temos em português. A perspectiva crítica do autor, no início da obra, não atrapalha sua interpretação do texto, pelo contrário, seu uso da cultura do Oriente Médio como base para o estudo do texto é extremamente enriquecedor.

Neil R. Lightfoot, **Las Parabolas de Jesus** (Parte I e II) (Parables of Jesus <Vol. 1 & 2>, Abilene, ACU Press, 1963, traducción modificada por Efraín Valverde A. y otros), Wichita Falls, Texas, Spanish Literature Ministry, s.d. Embora esteja em espanhol, esta obra merece ser adquirida e utilizada por sua praticidade e boa qualidade de exposição.

Joachim Jeremias, **As Parábolas de Jesus**, (Die Gleichnisse Jesu, Göttingen, Vandernhoeck & Ruprecht, 1970, tradução de João Resende Costa), Paulinas (Paulus), 1983. Esta obra é fascinante e decepcionante, ao mesmo tempo. É fascinante pela riqueza de conhecimento do ambiente social, cultural, político, filológico etc. do judaísmo do tempo de Jesus. Nenhum estudante moderno das parábolas de Jesus pode deixar de ler esta obra de Jeremias. Por outro lado, a obra decepciona pela demasiada ênfase no Evangelho de Tomé em detrimento dos Evangelhos Canônicos. Decepciona ver que o autor, muitas vezes, sabe mais que os autores do Novo Testamento! Neste sentido, o espírito crítico da obra é extremamente negativo. Quem souber separar bem o joio do trigo, poderá aproveitar este livro.

Osmundo Afonso Miranda, **Introdução ao Estudo das Parábolas**, São Paulo, ASTE, 1984. É uma obra necessária para todo o estudioso brasileiro das parábolas, por ser obra erudita de um brasileiro, mesmo que atuando no exterior. O capítulo sobre as "Feições características das parábolas" (págs. 40-62) são uma contribuição importante e difícil de ver em outros manuais, Uma longa nota de rodapé nas páginas 86-88 mostra a análise de um texto antigo com ótica latino americana. Novamente, o leitor

certamente não aceitará todas as posições críticas do autor, mas, nem por isto sua contribuição em outras áreas não será útil.

Simon J. Kistemaker, **As Parábolas de Jesus** (tradução de Eunice Pereira de Souza), São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1992. Um trabalho cuidadoso e conservador sobre as parábolas. Merece ser lido e corrigido com dados mais bem informados, sobretudo de Jeremias e Bailey. Assim mesmo, é uma das melhores obras em português.

Helmut Thielicke, **Mosaico de Deus: sermões sobre as parábolas de Jesus** (Das Bilderbuch Gottes, Stuttgart, Quell-Verlag, tradução de Ilson Kaiser), São Leopoldo, Sinodal, 1968. Como o subtítulo da obra indica, a obra é compilação de sermões de um grande professor e expositor alemão. Há ótimos tesouros e leituras de uma perspectiva interessante neste livro.

L. Cerfaux, **O Tesouro das Parábolas** (Lê trésor dês paraboles, Paris, Desclée, tradução de Ático Rubini), São Paulo, Paulinas, 1974. Um pequeno livro com boas idéias para o estudante das parábolas.

Herbert Lockyer, **Todas as parábolas da Bíblia** (All the parables of the Bible, Grand Rapids, Zondervan, 1963, traduzido por Carlos de Oliveira), São Paulo, Vida, 1999. Esta obra comove pela abrangência e pelo esforço de tratar do vasto material parabólico em toda a Bíblia. Trata-se de uma síntese popular embora, ocasionalmente, equivocada e ultrapassada. Contudo, há bons materiais a serem garimpados dentro desta obra da compilação e de aplicação popular das parábolas.

Ana Flora Anderson & Gilberto Gorgulho, **Parábolas: a palavra que liberta**, São Paulo, 1992. Este livro foi publicado sem editora e nem outras referências, fazendo com que seja quase comparável a uma apostila para uso interno de algum círculo católico de estudo bíblico. De qualquer forma, mesmo sendo uma obra marcada pela análise marxista da teologia da libertação do fim do século passado, é uma compilação interessante e instrutiva para o estudo das parábolas.

Álvaro César Pestana, **Provérbios de Jesus**, São Paulo, Editora Vida Cristã, 2002. Neste livro trato de muitos provérbios que são ditos parabólicos e também de provérbios que sumarizam o ensino das parábolas.

Sobre o autor:

Álvaro César Pestana formou-se pelo Instituto de Estudos Bíblicos, de São Paulo, em 1979, pela Universidade Estadual de Campinas em 1982, pelo Seminário Bíblico Nacional em 1993 e é Mestre em Letras Clássicas (Língua e Literatura Grega) pela Universidade de São Paulo (1998).

É Professor Acadêmico da SerCris, Escola de Treinamento para o Serviço Cristão, e autor de diversas obras. Atua no ministério de pregação e ensino desde 1975, sendo que desde 1985 trabalha em tempo integral no ministério cristão. Trabalhou com igrejas em Atibaia, Jundiaí, São Paulo, São José dos Campos, SP e, atualmente, Campo Grande, MS.

É casado com Linda, e têm dois filhos, Lucas e Gabriela. Ele e a família residem e trabalham atualmente em Campo Grande, MS.

Para contatos com o autor:

Álvaro César Pestana
Av. Presidente Ernesto Geisel, 4137
Campo Grande, MS
79005-470
Email: alvarocpestana@gmail.com Telefone comercial: (67) 3383-5076.

TÍTULOS PUBLICADOS E EM PROJETO

LIVROS:

1. *O Evangelho Segundo Marcos: Arte Poética e Arte Retórica* in Fabrício Possebon (org.) **O Evangelho de Marcos**, João Pessoa, Editora Universitária UFPB, 2010, pág.s 25-65.
2. **A Bíblia toda em um ano!**, Campo Grande, SerCris, 2008.
3. **Sempre Me Perguntam!**, São Paulo, Editora Vida Cristã, 2003.
4. **Sigo Jesus: estudos para novos convertidos**, São Paulo, Editora Vida Cristã, 2004.
5. **A Família do Discípulo de Jesus**, São Paulo, Editora Vida Cristã, 2001.
6. **Deus e os povos,** São Paulo, Editora Vida Cristã, 1999. [com Bryan Jay Bost].
7. **A fé em ação**, São Paulo, Editora Vida Cristã, 2000.
8. **Momentos importantes na vida de Jesus**, São Paulo, Editora Vida Cristã, 2000.
9. **Do Texto à Paráfrase: Como Estudar a Bíblia**, São Paulo, Editora Vida Cristã, 1992. [co-autoria com Bryan Jay Bost]
10. **Provérbios do Homem-Deus**, São Paulo, Ed. Vida Cristã, 2002.
11. **O Espírito Santo** (vol. 1), São Paulo, Ed. Vida Cristã, 2000
12. **O Corpo de Cristo: o uso dos dons na igreja**, São José dos Campos, Alcance, 2002.
13. **As Parábolas de Jesus**, [2ª Ed.], Campo Grande, SerCris, 2007.
14. **Dores do Crescimento: Um Estudo Devocional de 2 Coríntios 2.14-7.4**, [2ª Ed.], Campo Grande, SerCris, 2005.
15. **Epístola de Tiago: texto grego, tradução e comentário,** [em preparo final].
16. **Os milagres também são parábolas**, [em preparo final, co-autoria com Linda S. T. C, Pestana].
17. **Os provérbios do Apóstolo**, São Paulo, Editora Vida Cristã, [em preparo].
18. **Os provérbios dos Profetas**, São Paulo, Editora Vida Cristã, [em preparo].

APOSTILAS:

19. **Provérbios dos Exegetas**, Campo Grande, SerCris, 2008.
20. **Atos dos Apóstolos: introdução e roteiro de estudos**, Campo Grande, SerCris, 2008.
21. **Eclesiologia Bíblia**, Campo Grande, SerCris, 2006.
22. **Escatologia Bíblica**, Campo Grande, SerCris, 2006.
23. **Homilética: roteiro de estudo em classe**, Campo Grande, SerCris, 2008.
24. **Bibliologia Bíblica**, Campo Grande, SerCris, 2006.
25. **Epístolas Pastorais**, Campo Grande, SerCris, 2006.

26. **Estudos sobre o Espírito Santo**, Campo Grande, SerCris, 2006
27. **Sermões Joaninos: esboços e sementes**, Campo Grande, SerCris, 2008.
28. **Isaías: roteiro de estudos**, Campo Grande, SerCris, 2008.
29. **Ditados Coríntios e Ditados Paulinos**, Campo Grande, SerCris, 2006.
30. **Apocalipse em Quadros**, Campo Grande, SerCris, 2006.
31. **Protestantismo e seitas,** Campo Grande, 2007.
32. **Introdução ao Estudo dos Salmos**, Campo Grande, SerCris, 2006.
33. **Guia de estudo da História de Israel**, Campo Grande, SerCris, 2009.
34. **Rudimentos para a leitura das Cartas Neotestamentárias**, Campo Grande, SerCris, [em preparo].
35. **Apologética ou Evidências Cristãs: roteiro para estudo em classe e leituras adicionais**, Campo Grande, SerCris, 2009.
36. **Efésios e Colossensses: introdução e roteiro de estudo**, Campo Grande, SerCris, 2009.
37. **História da Igreja Antiga: roteiro de estudos e leituras adicionais**, Campo Grande, SerCris, 2009.
38. **Introdução e roteiros de estudo do livro de Êxodo**, Campo Grande, SerCris, 2009.
39. **Daniel: vida e obra**, São Paulo, SerCris/Editora Vida Cristã, (2005).
40. **Gálatas: o manifesto da liberdade cristã**, Campo Grande, SerCris, 2009.
41. **O Pai-Nosso: um estudo do ensino de Jesus,** Campo Grande, SerCris, 2009.
42. **Novos Horizontes: Missões**, Campo Grande, SerCris, 2009.
43. **Grego para bárbaros: paradigmas para estudantes do Koinê**, Campo Grande, SerCris, 2009.
44. **Colocando a casa em ordem: Adminstração Cristã**, Campo Grande, SerCris, 2009.
45. **A Religião dos Profetas**, Campo Grande, SerCris, 2009.
46. **Como falar de Cristo aos outros**, Campo Grande, SerCris,,2009.
47. **Retórica para estudantes da Bíblia¸** Campo Grande, SerCris, [em preparo].
48. **Estudos no livro de Provérbios,** Campo Grande, SerCris, [em preparo]

As Parábolas de Jesus
ISBN: 978-85-910184-2-0